

SUL

REVISTA

POEMA NO AVIÃO

Quasi tenho a morte
entre azul,
nuvens e mulheres.

Repartirei meus pedaços
pelos galhos das árvores
ou dormirei
entre peixes que me respeitarão.

Me cobrirei de algas
e medusas,
terei mil peixes
ao meu enterro
no fundo do mar.

Seremos . .
Comparecendo ao banquete
íntimo dos peixes.

WALMOR CARDOSO DA SILVA

S U L

REVISTA DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA

ANO IV —

Fpolis. Abril, 1951

— N. 13

Mais um ano de SUL...

Mais um número de "SUL"... É de praxe comemorar-se tal data. De praxe, também os planos, as promessas de um ano melhor, juntamente com os votos de felicidade, etc.

Não gostamos, nós de "SUL", de arquitetar planos. Nossas possibilidades são tão parcas, tão escassos os recursos, que qualquer idéia de melhoramento é sempre prematura. Lá vem, quando menos se espera, uma coisa qualquer adversa, e tudo derrui.

Em todo caso, se não falamos de planos nem prometemos nada, gostaríamos de dizer o que mais nos agradaria poder fazer no decorrer deste 1951.

Gostaríamos, primeiramente, nesta nova fase da Revista, de normalizar a saída de "SUL". Gostaríamos de manter este número de páginas, talvez aumentá-las, melhorar o papel, caprichar na paginação e distribuição e seleção da matéria. Gostaríamos de reiniciar os "CADERNOS SUL", e iniciar enfim as "EDIÇÕES SUL". Gostaríamos, num terreno já não próprio da Revista, de estabilizar o nosso Teatro Experimental, de reerguer o Clube de Cinema. Gostaríamos... enfim, gostaríamos e caso dispuséssemos, de "vil metal", poderíamos, teríamos capacidade para realizar um trabalho importante no terreno cultural.

Todos conhecem as dificuldades por que passa uma revista — voltando a "SUL" — para subsistir, na provincia. Maiores então se a revista é de caracter inteiramente cultural, não de divulgação. Além de público reduzidíssimo, pouco ou nenhum anúncio, já que ao comerciante, regra geral, não importa o valor da revista sob o ponto de vista artístico, mas sim do comercial. Assim sendo, os anúncios são, nas mais das vèzes, de amigos que nos querem auxiliar — e a eles aqui deixamos os nossos sinceros agradecimentos. Agradecimentos extensivos a todos os que de uma forma ou doutra nos têm auxiliado. Seja com apóio financeiro ou moral.

Um de nossos desejos já foi alcançado. Diminuir o tamanho da revista ao mesmo tempo que lhe duplicávamos as páginas. Outros desejos esperamos realizar com o correr do tempo e o auxilio das pessoas interessadas. Aliás já temos promessa do senhor Governador do Estado e Secretária da Educação, quanto a maiores facilidades na Imprensa Oficial, para a breve normalização da saída da revista. A-guardemos.

De uma forma ou de outra, temos até hoje continuado.

E, em última instância, bem ou mal, é o que prometemos mais uma vez aos nossos amigos leitores, colaboradores e assinantes:

"CONTINUAR!"

EXPEDIENTE

SUL

Revista do Círculo de Arte
Moderna
CAIXA POSTAL, 384
Florianópolis — Santa Catarina —
Brasil

Diretor:

Dr. Anibal Nunes Pires

Secretário:

Walmor Cardoso da Silva

Redatores:

Alfredo L. Meyer, Aloisio Calado
Archibaldo Cabral Neves, Arman-
do S. Carreirão, Doralécio Soares,
Eglê Malheiros, Elío Balstaedt,
Fúlvio L. Vieira, Luis Santos, Odi-
lio Malheiros Jr. Ody Fraga, Pe-
dro T. Taulois, Sýlvio E. P. Mar-
tins, Salim Miguel.

Sul acolhera em suas páginas,
com a maior simpatia, tóda a co-
laboração enviada, de qualquer
parte do Brasil, especialmente dos
jovens, se reservando porém o di-
reito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e
decorrem, as responsabilidades, de
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido
a esta revista, independentemen-
te de crítica assinada, será regis-
trado.

Desejamos manter contacto e
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)

Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-
das diretamente à direção, por va-
le postal ou carta registrada com
valor declarado.

REPRESENTANTES:

No Brasil

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)

Antônio da Silva Filho

R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)

Rogério Chatagnier

R. Dr. Keller, 384

"Sul" encontra-se à venda
NO RIO

Livraria José Olímpio

Rua Ouvidor

Livros de Portugal

R. Gonçalves Dias

Livros Franceses

Avenida Presidente Antônio Car-
los, 53.

EM SÃO PAULO

Museu de Arte, rua 7 de Abril,
244, (secção de livros e revistas de
arte).

Museu de arte moderna, rua 7 de
abril, 244 — 2º andar.

Agência Siciliano, rua D. José de
Barros, 323.

NO RECIFE

Livraria Editora Nacional
Pernambuco.

EM PORTO ALEGRE

Livraria Miscelânea, Praça da Al-
fândega, 38.

EM BUENOS AIRES

Libreria General de Tomás

Pardo S. R. L. — Maipu, 618.

EM FLORIANÓPOLIS

Livraria Moderna — Rua Felipe
Schmidt.

Livraria Rosa — Rua Deodoro,
33-A.

São Paulo (São Paulo)

Ruy Brand Corrêa

R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)

Dr. Hamilton V. Ferreira

Salvador (Bahia)

Vasconcelos Maia

R. Democratas, 9

Recife (Pernambuco)

Walmir Maranhão

R. do Peixoto, 368

Teresina (Piauí)

O. G. Rêgo de Carvalho

R. Lisandro Nogueira, 1223

No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)

Dr. Manuel Pinto

Ilha das Flores (Açores)

Pedro da Silveira

Montevideo (Uruguay)

Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)

Blanca Terra Vieira

U. S. A.

Richard M. Morse

O QUE DIZEM DE "SUL"

"SUL" DE SANTA CATARINA

Recebemos o n. 12 da revista SUL, de Florianópolis, que vem representando um marco na nova geração de escritores e artistas do país.

Sob a direção esclarecida de Anibal Nunes Pires, SUL divulga o que a inteligência santa-catarinense tem de mais autêntico no terreno das letras.

Destacamos, deste número, colaborações de Anibal Nunes Pires, Walmor Cardoso da Silva, Eglê Malheiros, Salim Miguel, Walmir Maranhão, Ody Fraga e outros.

Não conhecemos outra publicação de jovens, no país, que se dedique tão apaixonada e talentosamente ao problema do teatro moderno. Realmente, a "turma" do SUL, na especialidade, é de uma atualidade e competência incomuns. Felicitamos calorosamente a esse grupo de jovens escritores de Florianópolis, que têm sabido reagir contra a decadência intelectual acadêmica.

(De "O Jornal de Alagoas" 31-12-950).

'REVISTA SUL

Quando possam dizer dos mil atropelos que sofre o grupo de rapazes inteligentes de Florianópolis para levar avante a sua revista SUL, fica-se na dúvida se isso é mesmo verdade, quando se vê um número desta publicação, como o último, que acabamos de receber. É certo, não se deve duvidar, que serão inúmeras as dificuldades que esses jovens têm que vencer. Mas o fato é que as sabem vencer com galhardia e acabam por fazer sempre uma boa revista, repleta de boa matéria e apresentação gráfica agradável. "SUL" traz no seu n. 12, uma notável contribuição à literatura brasileira, pela penã de uma pleiade de moços da capital catarinense. É curioso assinalar que o papel do presente número foi doado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, e isso atesta a alta consideração em que são levadas as iniciativas de cultura pelo prefeito Adalberto Carvalho. "SUL" reproduz pinturas de El Greco, Picasso e Portinari, esculturas de Bruno Giorgi, xilogravuras de Marcelo Grassmann e desenhos de Loio Pérsio, Hugo Mund Jr. e Nereu Goss.

(Transcrito de "O JORNAL" — 3-1-51 — Seção "Artes Plásticas" de Quirino Campofiorito)

POETAS DE PORTUGAL

TEIXEIRA DE PASCOAIS

Teixeira de Pascoais, cujo nome civil é Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, nasceu na quinta de Pascoais, Amarante, em 1878. Bacharelou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Vive desde há alguns anos retirado na sua terra, inteiramente entregue aos seus livros, às suas recordações e à sua Arte.

Foi Pascoais um dos grandes animadores da Renascença Portuguesa, prestigioso grupo de intelectuais republicanos formado logo após a proclamação da República, e um dos mais assíduos colaboradores do seu órgão, a revista "A Águia". Daí nasceria alguns anos mais tarde a "Seara Nova". Foi ainda o inventor poético do Saudosismo, o qual, na definição de José Régio, "consistia em se ver na Saudade o próprio gênio da raça — definida saudade como fusão da lembrança e do desejo, do gênio cristão e do gênio pagão". "... era — escreve Fidelino de Figueiredo — uma reação estética ante o positivismo realista e, ainda que em forma obscura, pensamento mal expresso, uma aguda introspecção do caracter português na zona mais indiferenciada". Em conferências, polémicas e ensaios expôs o poeta as suas concepções saudosistas: "O Espírito Lusitano ou o Saudosismo", "O Gênio Português", "Arte de ser Português", etc. Mas, não obstante o real valor destes e outros livros, o que mais se nos impõe de Pascoais é a sua obra poética. Destes citaremos: "Vida Etérea", "As Sombras", "Canos Indecisos", "Maranos", "Regresso ao Paraíso".

Nos últimos anos, sem todavia abandonar a Poesia, Pascoais deu-se a escrever, de forma muito pessoal, interpretações da vida de alguns grandes vultos do passado, principalmente santos. Recentemente, estreou-se como novelista, publicando no Porto "O Empecido".

Pascoais é, sem sombra de dúvidas, o maior poeta português vivo, e um dos maiores da Poesia Portuguesa de todos os tempos.

Nem sempre lembrado com a devida justiça no seu País, a obra de Pascoais, poesia e prosa, está traduzida em muitas línguas: castelhano, alemão, húngaro, holandês, francês, italiano, inglês, checo, etc.

As poesias que seguem, das mais recentes do Poeta, transcritas das revistas portuguesas "Seara Nova" e "Vértice", fazer parte do volume a sair brevemente: "Versos Pobres".

P. da S.

3 POESIAS

1

Uma luz alvorante que se esquece
Naquela branca névoa adormecida...
Indefinida voz de etérea prece,
Na celeste amplidão, repercutida;

Anjo que mal se vê, desaparece,
O mundo em negra imagem falecida,
E o meu espectro a errar, tendo, na mão,
Sangrento e palpitante coração.

Que tudo, desde o mar até ao céu,
Tenha a branca pureza imaculada
Dêsse primeiro beijo que o sol deu
Na tua face, ó terra desejada!

Primeira luz que as noites florescem!
Ó primeira donzela enamorada!
Sonho da eterna infância! que alegria,
Vinda de além dos astros, me alumia!

O Sol, sombra de Deus, ressuscitou.
Nos montes derreteu a neve fria.
E um rãio só doirado dissipou
O nevoeiro que tudo escurecia.

Na minha noite lívida passou
Como divina aparição do dia!
Quero cantar a virgem Primavera!
Quero gritar ao mundo: — vive e espera!

1949.

A DIVINDADE

Ó a humildade dos pagãos!
Divinistaram os animais,
Gatos, e bois, e crocodilos!
O próprio Jove se fez touro
No rapto de Europa.
E o deus Neptuno,
Muito embora tivesse
Figura humana,
Tinha carne de congro
E de pescada,
Nos ossos de baleia!
E a deusa Ceres,
Muito embora mulher,
Todo o seu corpo era de pão.
E a deusa Vênus era espuma
Branca dum onda azul.
E o próprio Apolo
Era apenas o sol...
E Pan só figurava
Como bode e pastor,
Nesses bucólicos
Vales da Arcádia.
Mixto de escravo, como bode,
E de seu senhor como pastor.
E agora o bode está dum lado
E o pastor, do outro,
Todo Ecce-Homo!

1950.

VIRGÍLIO VARZEA

(1863 — 1941)

Por Anibal Nunes Pires



O tempo é o único fator absoluto, por isso que julga os homens com justiça irremediável. Somos escravos desse absoluto que nos limita a existência, que nos julga a nós e as nossas obras, que nos esquece ou nos faz participar da sua essência: a eternidade.

Virgílio Varzea, espírito de notáveis e particulares qualidades literárias, é um escritor que viverá pelos séculos em fora porque o tempo já o perfilhou e embora haja um esquecimento aparente, os seus trabalhos surgem à tona e o escritor catarinense ressucita para ocupar o lugar a que tem direito. A Ilha de Santa Catarina; veleiro ancorado no Atlântico Sul, berço desse apaixonado dos oceanos; apresenta uma conformação irregular, com enseadas, baías, pontas e estensas praias rendadas, que a adornam e despertam, nos que a visitam e nela moram, emoções vivas e quentes. Filho de comandante de navio, João Barbosa Varzea

e de D. Júlia Alves de Brito, nasceu Virgílio Varzea, no dia 6 de janeiro de 1863, em Canasvieira, uma dessas belas praias de mar grosso, de onde se avista os dois infinitos, mar e céu, sugerindo êxtases e mistérios. Teve, antes de tudo, uma educação maruja, a bordo de brigues e veleiros que então visitavam a ilha.

O meio, a educação que teve, antes das primeiras letras, a profissão do pai, a vida praeira, sempre olhando as distâncias e o longe, todas as relações atávicas, nunca impulsionaram tanto um escritor para um gênero de literatura, como no caso de Virgílio Varzea, para o gênero marinheiro. Ele é o representante, mais em evidência, no cenário literário americano. A sua obra é um marco na literatura brasileira e causa estranheza obliterarem-lhe o nome e negligenciarem sobre o valor de seus escritos. E se esse fato não for suficiente para lembrar-lhe o nome, como escritor brasileiro, dos mais conceituados, acrescentaremos que Virgílio Varzea, com o seu trabalho "A Ilha de Santa Catarina", foi o pioneiro da Geografia Humana, estudo de grande importância e interesse que constitui, hoje, cadeira de relevância nos Colégios e Faculdades dos países civilizados.

A particularidade, no seu gênero literário e o estilo impressionista, delicado, eivado de saudade e de sabor melancólico que só o binômio, mar imenso e céu limpo, sabe provocar nas almas simples, dão direito a Virgílio Varzea de viver com os tempos...

Eis a sua obra: Traços Azuis (versos), Tropos e Fantasia (em colaboração com Cruz e Sousa), Rose Castle (novela), Mares e Campos (contos), Contos de amor (con-

tos), George Marcial (romance), A Ilha de Santa Catarina (geografia); Histórias rústicas (contos) Os argonautas, o Brigue Flibusteiro (romance); além de colaborações em jornais e revistas da província e da capital da República.

A detentora do premio nobel de literaturá, a sueca Selma Lagerloff, escolheu um conto de Virgílio Várzea, "Natal do Mar" para figurar na sua coletânea, preferência que prova o valor universal do escritor catarinense. O nome de Virgílio Várzea ficará na eternidade dos tempos e na universalidade do espaço.

Reproduzimos abaixo dois trechos, um do conto "Natal do Mar", e outro de "O Marinheiro", romance de Pierre Loti (Julien Viaud), o marinheiro francês, autor de "O Pescador d'Islândia", onde notamos uma identidade de sentimentos e as mesmas evocações de que são possuídos os homens no mar. A saudade da terra firme, a lembrança da família, a nostalgia da solidão, a ausencia da mulher, a expectativa transmudam-se em canções que os marinheiros cantam, ao som da orquestra dos ventos dedilhando as cordas do veleiro e das ondas, tamborilando o casco ressoante.

O barco é o centro dos infinitos, e a verdade de tudo e das coisas aparece aos olhos da maruja sem as limitações tristes e deprimentes dos vilarejos da terra firme.

"... Nas amuradas, na proa, e sobre o castelo arqueado, os marinheiros em grupo, esquecidos já do pampeiro, numa resignação invejável de almas sãs e amáveis, que não dão nunca abrigo e guarida a odio mas a amores e máguas, cantavam saudosamente e em coro essas cantigas do sul que sonorizam as estradas e praias alvas dos sítios pelo tempo do Natal...

... Em cima, ao pé do leme, sentado em frente à bússola, na gaiuta fechada, o Venâncio enlevava-se também longamente na-

quelas cantigas nostálgicas. Conhecia-as bem, pois a sua infância dourada havia deslizado entre elas, num embalamento de júbilo, na sua aldeia adorada. E quantas vezes as cantara, em menino, no bando alegre dos amigos, em noites assim de festa, seguindo com a lua no céu, de presepe em presepe, os ranchos palreiros das raparigas amadas! Assim cismava triste, quando o coro dos marinheiros, a vante, cessou de súbito, num profundo stacatto. Fez-se um momento de silêncio em que só se ouvia o murmúrio saudoso das ondas, batendo nas amuradas. Era meia, noite, uma dessas noites sournas e quasi trágicas do mar. Então, sob os quadrados alvos das velas, nevando o espaço no alto, vozes roucas e másculas, gritaram a uma do Castelo:

Tocar Natal! Tocar Natal!

... Que docemente ecoou pelas águas, rolando ali marchetados de estrias de luz sob a rede de ouro dos astros.

Salve! ó divino Jesú!

Luz do nosso coração,

Que vieste hoje ao mundo

Para nossa salvação". (de Virgílio Várzea — Natal no Mar)

Ó! a boa velocidade! Ó ir depressa, depressa, sentir-se agora correr e voar através daquele deserto de águas cuja imensidade aterradora o separava da mãe.... Enfim, asua cabeça emergiu ao ar; como ao sair de algum túmulo, os seus olhos encantados tornaram a ver os espaço, as velas enfundadas pelo vento, o céu profundo que estrelava... Levado pelo Alizão austral, a Saône singrava como uma grande ave noturna de azas brancas. A velocidade, a boa velocidade, que dava a esperança! E a primeira lufada de ar vivo e livre que, ao desembocar daquele abismo lhe passou sobre a cabeça, trouxe a João uma música alegre,

MINHAS FÉRIAS E DOIS LIVROS

Aproveitando as minhas férias, fui passar alguns dias em Torres, a decantada praia sulina. Fui para lá com a principal finalidade de assistir a filmagem de "VENTO NORTE". Porém, quando lá cheguei, a película já havia sido totalmente rodada. Azar meu!...

Em minha bagagem levarei dois livros, duas edições recentes que me tinham chegado ao acaso, sem, anteriormente, ter tido qualquer preocupação de escolha ou seleção, pois viêram as minhas mãos sem ir ao encontro deles. Com dias vazios de encargos, pude dar aos mesmos o melhor da minha atenção.

(Conclusão)

um canto que lá em baixo, mal se ouvia, mas que ali parecia re-tumbar de repente, triunfal, para a sua reaparição no meio dos marinheiros seus irmãos. Era sempre a canção do Velho Netuno, sempre o mesmo coro fácil e aéreo, recomeçado indefinidamente às mesmas horas da tarde, sobre a infinita solidão do silêncio, apenas entre cortado pelo marulhar das ondas, a Saône, na sua corrida, se-meava aquela música como um rastilho álaçre, num longo sulco sonoro, que ouvindo algum ali estava para recolher.

... "Velho Netuno, rei das águas..."

cantavam, na clara noite estrelada, os coristas imóveis e deitados...

O estribilho vivo da cantiga era repetido incessantemente, lentamente, como num meio sono, por vezes de vibrações juvenis, atenuadas por uma surdina de sonho. E todo aquele edifício de homens brancos e velas brancas, ia-se inclinando e oscilante, como uma coisa fantástica, prestes a ser engulido; ia-se depressa, muito depressa, corria, fugia...

(de Pierre Loti — O Marinheiro)

O Correio trouxe-me de Rosário, Argentina, com cordial dedicatória da autora, AIRE DE PALOMAS, poemas de Nélide Aurora Oviedo. Quizera fazer nesta resumida página com pretensões a crítica, um conceito mais pormenorizado sobre este volume. Infelizmente meus conhecimentos de espanhol são nulos, para que possa apreciar e compreender os poemas em toda a sua plenitude. Li-os, tropeçando nos vocabulos, procurando apoio num velho dicionário da lingua castelhana. Mesmo assim, gostei muito do livro. São paginas simples e suaves, de beleza natural, sem arroubos nem desvarios ferozes. Em meio a tanto cabotinismo literário, a esse carnaval de letras da geração coca-cola, é agradável encontrar-se um livro sincero como "AIRE DE PALOMAS. A poetisa pertence a um ciclo eclético de poetas que não entraram no "cordão" dos intangíveis. A autora procura transmitir uma mensagem de beleza, procura contar momentos poéticos, sem extravasar psicose em xaradismos nublados de palavras bonitas.

O outro livro de que vou falar, adquiri-o de um rapaz que andava a vendê-lo num Café, como se estivesse vendendo bilhetes de loteria. O nome: INTERNATO. Autor: Paulo Hecker Filho. Edição de FRONTEIRA, revista de "novos" de Porto Alegre. O vendedor ofereceu-me, invocando as qualidades pornograficas da obra. Não tenho mais dezesseis anos para dar grande importancia a essas coisas. Comprei-o para conhecer o autor de DIÁRIO, obra que não cheguei a ler, premiada não me lembro por quem. Ouvira muitos comentários elogiando essa nova personalidade das letras gauchas e dele somente lera alguns contos publicados em FRONTEIRA e no CORREIO DO POVO, contos que apreciei bastante, motivo porque não me esquivei de ler INTERNA-

Um lapso de João Gaspar Simões

Élio Ballstaedt

Neste seu livro "Vida e Obra de Fernando Pessoa" — Livraria Bertrand, editora — que significativamente desejava intitular "Explicação de Fernando Pessoa", João Gaspar Simões cometeu pequeno mas importante engano. Julgando certo verso de Pessoa, deixou-se conduzir pelas aparências, pela primeira impressão, caindo justamente no erro que com razão afirmava ser comum aos leitores do poeta.

Há, de fato, na poesia de Fernando Pessoa, palavras, frases, às vezes versos inteiros que, nós leitores, antes de João Gaspar Simões julgávamos destituídos de significado, sem nexos, inúteis. E os atribuíamos ao "acaso", aos "caprichos do poeta", quando não os creditávamos ao fato do autor ter-se dedicado seriamente ao ocultismo.

João Gaspar Simões procura afastar-nos dessas falsas deduções, dêsse erro fácil de cometer. O seu livro visa principalmente isto: mostrar ao leitor, provar-lhe, que a poética de Fernando Pessoa nada tem de incoerente, não apresenta extravagâncias e anacronismos, é perfeitamente lógica e racional. Há de tudo nesta biografia, talvez de tudo quanto necessitamos para compreender grande parte da moderna literatura portuguesa: — A história do movimento futurista em Portugal, a rápida e difícil existência da revista "ORFEU", os diversos ismos que a partir do simbolismo preocuparam os jovens literatos, além de importantes documentos críticos e biográficos sobre os artistas que agitaram o ambiente intelectual português no início deste século. O livro é, de fato, a

(Conclusão)

TO, esperando obra condigna de autor tão louvado e premiado. Se o DIÁRIO e AH TERRA¹ são bons livros, houve algum equívoco da parte de Paulo Hecker Filho apresentado este fraco INTERNATO. A novela não é digna de escritor cujo nome começa a ser citado entre louvores.

O livro conta uma história de amor no âmbito da homossexualidade, chegando a ser uma verdadeira defesa ao amor introvertido, como coisa natural decorrente das fraquezas humanas. A narrativa desenvolve-se num estilo fragil, sem a pesquisa que, ao meu ver, o tema requeria. Assunto de tal complexidade e transcendência, deveria ter tido da parte do autor tratamento mais acurado. A história parece ter ficado em esboço, sem obediência a um espírito de análise, dentro de uma inércia comprometedora. A vida introspectiva do

personagem não tem consistência, não adquiriu contornos definitivos. Os acontecimentos não se baseiam em princípios, não têm evolução, não há o "passado" a forjar os fatos. O drama de Jorge é assistido em seu último ato estático, o personagem dentro de um mundo realizado.

Se Paulo Hecker Filho persistir em ser autor de novelas como esta, será preferível que se dedique a escrever novelas radiofônicas, pois chega a dar a impressão de que faz uma trama encomendada, com o fito, talvez, de fazer sensacionalismo ou coisa semelhante. E ele possui ótimas qualidades para se tornar um bom escritor. Tem linguagem muito boa, com expressões muito adequadas, sem lugares comuns, aliado a grande facilidade de narrar num estilo muito bonito. Novelista de qualidades arquitetônicas, perdido num livro sem substância.

A N T Ô N I O D A S I L V A F I L H O

"história de uma geração". Mas é, principalmente, uma "explicação de Fernando Pessoa". É aí que se revela, em toda sua força, o trabalho de João Gaspar Simões. Mais que a simples biografia que o histórico de uma época, são as análises críticas, as interpretações, por serem profundas, por serem exatas, que elevam o trabalho de João Gaspar Simões a alturas raramente alcançadas na história da crítica literária portuguesa.

Todavia, apesar das excelências do livro, seu autor cometeu um lapso, lapso grave por isso que é relativo ao tema central da obra. Aclarando o sentido da poesia de Fernando Pessoa, procurando "a explicação lógica para o que até aqui parecia ocasional e caprichoso", em dado momento, cai no mesmo erro que nós, leitores comuns, costumávamos praticar. Referindo-se ao poema que em 1929 Fernando Pessoa escreveu, evocativo de sua infância, João Gaspar Simões afirma haver nele "algumas notas de confuso anacronismo"; e cita como exemplo a seguinte passagem:

"EU ERA FELIZ E NINGUÉM ESTAVA MORTO"

Ora, se formos encarar os fatos por uma lógica primária, terra a terra, haveremos de convir que, de fato, estamos perante autentico anacronismo. Tanto o pai de Fernando Pessoa, como o irmão menor, já estavam mortos à época em que o poeta completou seis anos, data que a poesia em questão rememora. Como então, "ninguém estava morto"?

Mas, deitemos um olhar sobre o "complexíssimo espírito" do poeta. Ele foi sempre um menino que "via muito consigo mesmo, sem irmãos nem amigos com quem entreter os seus ócios de criança". Vivia fechado em seu imaginoso mundo mental, inventando seus companheiros, forjando a sua própria realidade. Foi daí que nasceu seu primeiro grande amigo: "O Chevalier des Pas, um certo Chevalier des

pas dos meus seis anos, por quem escrevi cartas dele a mim mesmo..." Era daí que iria surgir o Ricardo Reis, o Alberto Caeiro, o Álvaro de Campos...

Por toda sua existência Fernando Pessoa seria assim: um indivíduo para quem os fatos reais, o mundo concreto, as preocupações comezinhas do viver cotidiano, seriam apenas paisagem, paisagem distante, vagamente delineada. O homem que na vida prática nada mais seria que eterno desajustado, sempre e sempre obscuro tradutor miseravelmente pago de cartas comerciais, frustrado na vida e no amor, por certo que só encontrou motivos para alicerçar mais e mais aquele mundo só seu, aquele mundo que já em criança construía, seu inviolável refúgio. Para Fernando Pessoa, desde a meninice, "o mundo sempre transparecerá como um teatro alheio, uma cena distante, um palco longínquo, qualquer coisa a que o poeta não chega senão através do que pensa, do que imagina ou do que constrói, encerrado nos "muros do quintal" da sua imaginação".

É natural, portanto, que as recordações que ele tenha da sua infância, não sejam as extriamente exatas, as visivelmente reais, pois estas éle as sentia vagamente e as moldava à sua fantasia. As lembranças que ficaram, as que ele guardou e transformou em versos, foram as do seu mundo mental, as da sua exclusiva realidade.

E quais eram estas lembranças, o que pensava Fernando Pessoa, qual a sua verdade, ao completar seu sexto aniversário? Apoiados em João Gaspar Simões, não nos é difícil dizê-lo. Basta atentarmos para o que foi o anterior natalício do poeta, o quinto, seu primeiro mleancolico aniversário.

"O dia 13 de junho desse ano decorreu tristíssimo. O pai piorara muito (estava tuberculoso) e ainda em Telheiras, onde se acolhera, não pudera vir assistir ao ani-

versário do filho mais velho. Jorge, que nascera em janeiro (morreria pouco depois), era uma criança doente, que exigia constantes cuidados da pobre mãe repartida entre os filhos e o marido moribundo. Não houvera jantar de festas. . .”

“Pela primeira vez, nos seus cinco anos de existencia, o “aniversário” do pequeno Fernando Antônio fôra triste e a tradição de há séculos não se cumprira.”

Como se vê, êste natalício representa um doloroso hiato nos costumes da família. Nenhuma festa, nenhuma alegria, nada que lembrasse ao menino Fernando os festivos e bulhentos aniversários anteriores. Êste dia lhe ficou para sempre gravado com o sinal da morte.

Mas no ano seguinte, tudo foi diferente. “O dia 13 de junho de 1894 foi de novo festejado em casa da viuva de Joaquim Pessoa com a solenidade antiga. Já que a morte levara o marido e o filho mais novo, ao menos que Fernando Pessoa, o sobrevivente, fôsse feliz enquanto pudesse ser feliz e que ao menos conhecesse as alegrias da sua idade.” Tudo então, voltou a ser como dantes. “A tradição de há séculos” foi cumprida à risca. Muita alegria, nenhuma tristeza para relembrar adolorosa data anterior. “Fernando Antônio está radiante”, igual aos aniversários

que o pai estivera presente. Exulta, brinca, esquecido da triste data anterior, como se nada tivesse acontecido, como se o pai e o irmão menor ali estivessem naquele momento.

Ele era feliz e ninguém estava morto.

Êste o sentido, a interpretação lógica do verso em assunto. Para descobrir-lhe o significado, não devemos investigar no plano concreto, material, objetivamente certo, mas penetrar no mundo mental do poeta, mundo fabuloso que construía e vivia a sua própria realidade. Agindo assim, ninguém mais encontrará no verso examinado, “notas de confuso anacronismo”.

É inexplicável que João Gaspar Simões, nesta passagem, não tenha percebido isso, êle que tão bem soube explicar-nos o sentido do “sino da minha aldeia”, do “menino da sua mãe”, enfim, de toda a “vida e obra de Fernando Pessoa”; Foi um lapso, apenas lapso e nada mais, pois a verdade é que o leitor bem há de ter percebido que, bem ou mal assimilados, escrevemos êste artigo com os fatos, as idéias, tudo em suma que João Gaspar Simões nos transmitiu. Anotamos seu lapso. Êle próprio nos ensinou como fazê-lo.

25-1-51.

ARQUITETURA

FUNÇÃO SOCIAL DO ARQUITETO

A arquitetura assim como todas as artes é por excelência um reflexo das condições político-sociais de uma época. Ela acusa sistematicamente os ciclos evolutivos da humanidade. Não poderá portanto o arquiteto tornar-se impermeável a esse poderoso fator ao compôr seus projetos.

Consciente ou inconscientemente o arquiteto registra em suas obras fatos da época em que vive. Mesmo aqueles que por excesso de zelo pelo passado, ainda procuram mascarar suas obras com soluções, em geral de superfície, consagradas em outras épocas, deixam vestígios patentes de seu tempo. É muito comum se observar entre magestosos balaustres, decorativos, legítimos representantes de uma realeza mumificada, simples caixilhos de ferro basculantes de preço razoável no mercado. Um entozamento heterogenio, concordamos que também é um fato da época, porém sem força criadora e representativa. Esses recursos superficiais sem razão de ser, relegam as obras e seus autores para um segundo plano na ordem das coisas. Sabemos que é assunto bem velho, muito ventilado, porém ainda há muitos que se encontram em densa neblina e mais ainda quando nos aproximamos da função social do arquiteto, que é a razão de ser deste assunto.

Arquitetos como todos os artis-

tas, admitindo-se de uma forma geral, todos aqueles dotados de sensibilidade, portanto capazes de observar e refletir os acontecimentos da época. Enfim todos os estudiosos e pesquisadores tem forçosamente que colaborar a bem da grande causa social. Portanto cabe ao arquiteto, principalmente ao arquiteto contemporâneo, uma boa cota nesta cruzada educacional.

É assunto velho repetimos, porém a incompreensão e a relutância são brutais, o contra-senso é evidente. Uma vez projetada e construída uma obra realmente moderna seu autor contribuiu por vários modos para a educação social do homem. É um verdadeiro médico psiquiatra fazendo uma profilaxia das moléstias sociais. É só imaginar as inúmeras soluções que pode estudar um arquiteto visando a formação psíquica de uma geração. É o eterno colaborador dos educadores e professores de moral e cívica.

A formação de uma nova mentalidade é o grande objetivo que o arquiteto tem em mente ao projetar uma escola ou uma fábrica, um parque infantil, até mesmo um prédio de habitação coletiva. Citamos aqui arquitetos, que elevaram e dignificaram a profissão, tornando-a bem clara na sua missão social. Assim é que contemplamos as obras de Oscar Niemeyer, em todo o Brasil e também no estrangeiro. Verdadeiro marco assinalando uma nova época de humanismo.

Por menos esclarecido que seja o observador, sentirá por certo o alcance-social de um projeto como o das fábricas Peixe e Duchon. Tor-na-se patente a valorização do ho-mem que trabalha, com o conse- quente aumento de produção e me-lhoria da qualidade da mesma, ao se alojar o trabalhador em edifi-cios projetados por arquitetos es-clarecidos. Oscar Niemeyer simbo-lisa esta nova geração de arquitetos modernos, cuja contribuição em projetos, obras e conferências para a melhor sociedade é inesti-mável. Ainda estamos sob a im-pressão das conferências de Hen-rique Mindlin, Marcelo Roberto, Hélio Duarte tão oportunamente organizadas por Eduardo Knesse de Melo em 1948. Belo trabalho que criou profundas raízes. Não pode o arquiteto fugir a sua mis-são de educador social. Ele é sem-pre solicitado a remediar o com-plexo organismo social. Muito mais em S. Paulo, onde a força da evolução social dos homens nos deixa perplexo a todo momento. S. Paulo, a cidade que registra seu crescimento pelo relógio. Quatro a cinco casas por hora, são construí-das e mais apartamentos, fábricas, etc., é o que nos revelam as estatís-ticas. Fica o observador perplexo ao se lembrar de que em menos de seis anos o Jardim Paulista, antigo brejo ficou totalmente construído. O fenômeno da rua Marconi que em dois anos, teve seu traçado exe-cutado e construído com edifícios de mais de dez andares, muito em-bora não seja urbanisticamente certo tal densidade.

O centro bancário das ruas 15 de Novembro de Boa Vista, completamente renovado da noite para o dia. O Estádio do Pacaem-bu que logo após sua inauguração, já não comportava o público. A Biblioteca Municipal, que projeta-da com grande capacidade, ante o aumento crescente da população, de há muito que veem as filas de espera, reclamando um edifício no-vo. As fábricas ao longo das vias

de comunicação brotam como por encanto. O vigoroso espetáculo, dos grandes edifícios de habitação coletiva expulsando os nobres se-nhores de suas mansões de Higi-nópolis. Nada resiste a marcha da evolução. São Paulo que há trinta e quatro anos atrás não possuía um curso especializado de arquite-tura, hoje conta com duas Facul-dades de Arquitetura diplomando 60 profissionais por ano. Ainda as-sim continua absorvendo grande numero de arquitetos estrangeiros como nos primeiros tempos.

Assim assistimos à grande trans-formação. Os casarões cheios de artificialismo e preconceitos, dan-do lugar às residências despreten-ciosas onde tudo é luz e natureza. Os grandes vãos envidraçados ilu-minando os interiores num para- lelismo inconsciente como a psica-nálise que ilumina o interior dos homens, tornando-os mais claros e mais simples em relação aos seme-lhantes. A arquitetura moderna nada esconde. Não há compart-imentos mais dignos e menos dignos. A continuidade espacial pre-pondera sobre as ante-câmeras, corredores de serviço, vestibulos e toda sorte de **esconde, esconde...**

Da mesma forma que o arquite-to em relação ao indivíduo deve ser um psicólogo em relação a co-letividade deve ser um bom soció- logo. Está pois reservado ao arqui-teto um papel relevante no futuro mundo super-socializado.

Grandes blocos virão de mora-dias coletivas, cercados do propor- cional espaço verde. Novas cida-des virão planejadas conscienciosa- mente. Cidades satélites como for- ma de melhoramento. Aqui passa para o arquiteto as funções de ur- banista, que no nosso entender é este último um arquiteto na últi- ma fase ascensional da carreira.

Portanto, de parabens estão os futuros arquitetos de São Paulo tendo pela frente Niemeyer a in- dicar as novas diretrizes.

CARLOS HENRIQUE BAHIANA

Uma tela de Cézanne no Brasil



Acaba de ser adquirida para o Museu de Arte a tela "Le Grand Pin" de Cézanne. Possui a instituição paulista já dois quadros do famoso pintor de Aix: "Retrato em Vermelho de Mme. Cézanne" e o "Negro Scipião". São dois retratos; um, da primeira fase — quando Cézanne ainda não havia tomado contacto com o movimento impressionista — outra, já uma afirmação da verdadeira trajetória do artista no terreno da história da arte. Agora, com a paisagem "Le Grand Pin", torna-se ainda mais precisa a ideia que possamos formar sobre este grande mestre da pintura contemporânea.

Cézanne representa para a cultura moderna uma reação ao movimento impressionista que domi-

nou nos fins do século passado. Tal reação visou colocar o movimento impressionista — da pesquisa da luz, da atmosfera a "pleine air" — enquadrado dentro de um espírito de consolidação, pois o contáto direto com a paisagem havia levado os impressionistas a uma tendência dispersiva. A ideia de fixar numa técnica rápida, em pinceladas de cores puras, a vibração da atmosfera em constante transformação, dava um tom de esboço aos trabalhos de artistas como Mont, Sisley e Pissarro. Entretanto eram estas telas magníficas, envoltas por fluida luminosidade que diluía os contornos dos objetos. Cézanne contrapõe-se a essa atitude, porque passa a condicionar a emoção a um controle. Assim

CONFERÊNCIA DE

FLAVIO D'AQUINO

Sob o patrocínio da Revista "SUL", realizou-se, no salão nobre da Faculdade de Direito de Santa Catarina, a anunciada e ansiosamente aguardada conferência do crítico de artes Plásticas e Professor de Estética da Prefeitura do Distrito Federal, Arquiteto Flávio de Aquino. Muito concorrida a conferência, que contou com a presença dos maiores nomes das letras e artes em Santa Catarina. Após a conferência, que versou sobre Arte Moderna e sua incompreensão, o conferencista permitiu que lhe fôsem feitas perguntas, realizando-se então interessantes debates.

Esta Conferência foi, mais tarde, publicada, dominicalmente, na seção de Artes Plásticas do "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro.

Patrocinando esta Conferência, como já antes havia feito com outros artistas que nos visitaram, "SUL" tornou possível o debate e esclarecimentos de diversos e controvertidos problemas de arte.

Ao Flávio os nossos parabens e agradecimentos pela brilhante palestra.

(Conclusão)

o problema da composição, no sentido de organizar o espaço, adquire maior importância. A forma, os contornos são elemento que passam a merecer maior atenção. Substitue a dispersividade impressionista pelo sentido de ordem que haveria de influir grandemente nos seus predessores cubista. A influência de Cezanne atravessa o nosso século como fundamento de toda uma nova ordem plástica e a sua presença ao ser incorporado ao patrimônio artístico do Brasil é, por isso mesmo, da maior significação.

F. M.

ATIVIDADES DO EDITOR

JOÃO CALAZANS

Tendo fundado há menos de dois anos uma editora em Belo Horizonte, o escritor João Calazans vem prestando relevantes serviços às letras do País, com o lançamento de obras dos melhores escritores mineiros do momento. Dentre os livros apresentados por Calazans destacamos: "Rilke, o poeta e a poesia", e "Goethe e a elegia de Marienbad" de Cristins; "A Cidade do Sul", poesias de Alphonso de Guimarães Filho; "O Espelho e a Musa", de Emilio Moura (laureado com o prêmio concedido pelo Governo do Estado ao melhor livro de versos publicado em 1949); "Os Ciganos em Minas Gerais" e "Figuras da Província", de João Dornas Filho; "Sombra e Exílio" romance de Waldomiro Autran Doarado; "Flôr da Morte" poesia de Henriqueta Lisboa — considerado pela Academia Mineira de Letras como o melhor livro publicado do Estado em 1950, laureado com o prêmio Othon Bezerra de Melo.

Para dentro de pouco tempo o dinamico editor anuncia a publicação de mais os seguintes volumes: "Superfície", livro de estreia de Maria Angela Alvim; "Poesias", de Emilio Moura (com prefacio de Carlos Drummond de Andrade); "O Romance de Vila Rica", de Ciro da Luna Dias; "Poesias" de Henriqueta Lisboa, e mais "Passeio a Sabará, de Lucia Machado de Almeida, que sairá em edição de luxo, com mais de quarenta ilustrações do prof. Guignard.

MEUS CANTOS NOTURNOS

Quizera oferecer-te êstes cantos múltiplos
Que refletem os matizes, as tonalidades, as variações
Das vozes fantasmais e amigas
Que me assaltam nas horas serenas
Das madrugadas de insônia.

Estes cantos que eu quisera oferecer-te
São cantos envolventes, minha amiga
Que não trazem o arroubo dos sentimentos fúteis e vazios
Nem a indiferença dos afetos frígidos e formais.

Aceita-os, minha amiga,
Estes cantos múltiplos que te ofereço
Eles são a minha paisagem sincera
São a minha oferenda modesta
Que ainda conservam
Êsse pouco de calor
Êsse pouco de atração ingênua e afetiva
Que pertencem aos meus fantasmas companheiros,
A estas partes de mim mesmo
Que ficaram desencontradas lá para traz
Nos recantos escusos e penumbrosos do meu tempo de criança.

A SORTE

Agora as cartas
Estão jogadas
E o Rei de Ouros
Perdeu a cor.

A Dama branca
Vela o futuro
E o três de espadas
Fala em morrer

O dois de copas
Fala que um dia
Num dia antigo
O amor nasceu.

DONOZOR LINO

(Atibaia)

SONETO DA DESESPERANÇA

Se luz nunca verei que mais espero
poço de sonhos nesta ilha ignota
de onde as manhãs emigram e alvas velas
passam de largo no horizonte escasso ?

Se o nome das estrelas desconheço,
se o pêso de mim mesmo não suporto,
porque tentej a aurora desmembrar
e noites de borrasca percorrer ?

Se a infância na memória tenho extinta,
se os olhos de salsugem tenho cheios,
que mais me resta ? — Solidão e medo.

Se mesmo velas já não passam longe,
se luz nunca verei que mais espero,
poço de sonhos, nesta ilha ignota ?

Rogério Chatagnier

(Curitiba)

EDAD 21

a Walmor Cardoso da Silva

Edad 21.

Trópico.
Antes,
Cielo,
nube, infancia.
Luego,
espuma,
destierro, estampa.
Danza o niebla
avanza el número
retrocede el espacio.

Edad 21.

El Destino lo arreacia.
Caminha por las calles
empinadas al llanto o el idilio
rumbo a la noche
a la esfera o el ángel.
Lleva
más desprendimiento
que recuerdo:
por ellas meditando
Sensación de perder o haber per-
[dido
un pensamiento avanza
hacia la estrella.

Edad 21.

Y vista ya
esta historia pequeñísima
pero trágica,
"Reuelta
"Lindamente al sol
"Los grupos satisfechos.
"Muertos".

Edad 21.

Los días se adelantan;
entierros, universo,
juego, quinta,
suicidio, manifiestan
sus manos avanzando.

Edad 21.

Quedan
dos tazas positivas,
una eterna ceniza,
una mirada hiriente,
un color, un espanto.

Edad 21.

Y por los suyos
sin latitud ni llanto,
entre la cifra
gráfica y sonante
"Tanta música,
"Tanta, tanta,
"En medio de tanta
"música,
"Yo, en poesía".

Blanca Terra Viera

Buenos Aires, 1951.

ETERNIDADE..

Ruas largas, ruas paralelas,
Ruas de côres acinzentadas, paralelas,
Que se perdem de vista
Dentro do espaço indefinido, ilimitado...
Ruas sem sol, sem luz, sem vida,
Ruas sem vento, sem chuva, sem neve,
Ruas paralelamente inertes... sem vida,
Ruas côr de cinza,
Ruas sem começo nem fim...
Cinzentas ruas paralelas
Que se não cruzam nunca,
Ruas que cansam nossos olhares,
Ruas paralelas que somem no horizonte...

José Tito Silva

IDEIA

E saltou
Pererecando
Na fumaça.

Voluteou
Na instabilidade da fumaça.

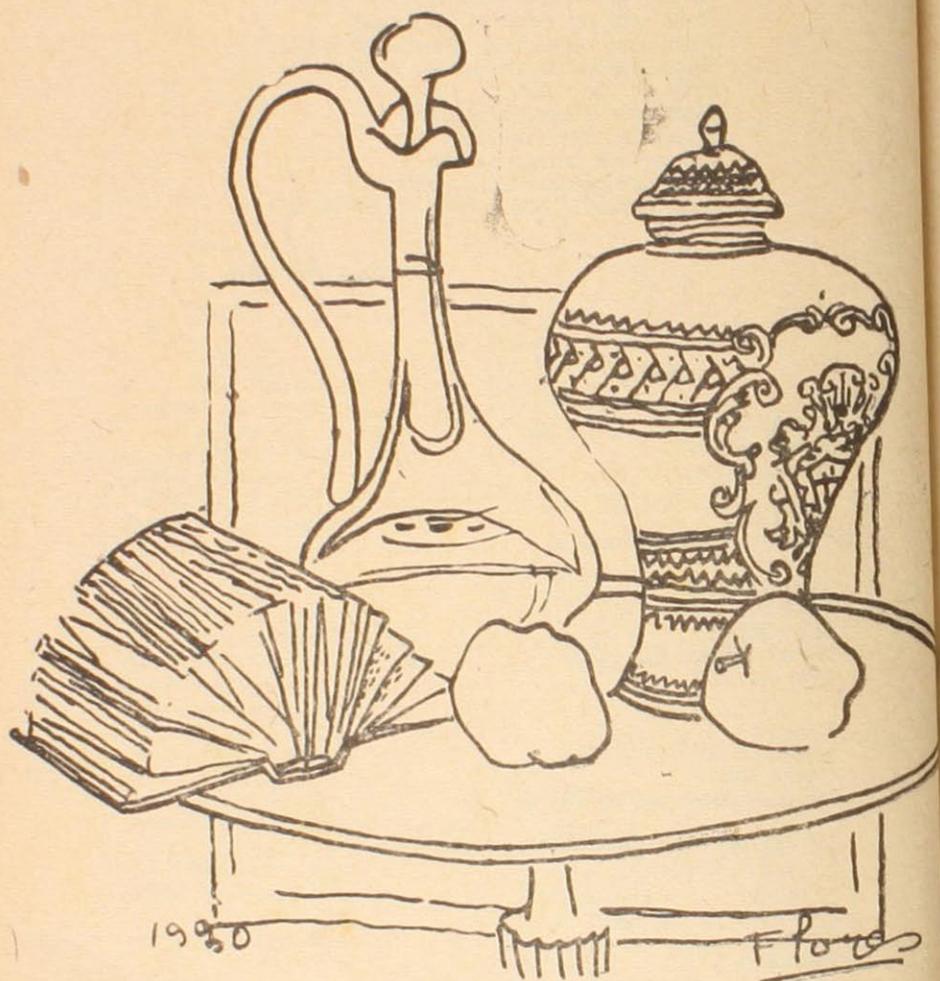
Veio vindo
Penetrou
Impregnou-se
Na irreabilidade das coisas
Sem forma.

Dançou
Numa extensão elástica
Numa fuga
De crescendos e pianíssimos.

Depois escorreu da caneta
No papel branco
E ficou
Palavra
Frase
Poema.

E o papel branco
Virgem
Puro
Está prenhe
De realização.

J. M. Gomes de Mattos



Desenho

Paulo O. F.

CONTO

M ã E

Guido Wilmar Sassi

Para Décio Frota Escobar.

Secaram os seios de Augusta. Os beijos da criança, sôfregos, tateiam em busca dos mamilos. Os lábios sugam, sugam, em vão. O leite sai aos poucos, em gotas miúdas, a muito custo. Mas é bom o calor e a maciez daqueles peitos. A teta mole e quente lhe enchendo a bôca, enganando a fome, a criança adormece.

Augusta se movimentava no sono. O pequenino desperta e molha os cueiros. A urina esfria, produzindo-lhes dores nas perninhas irritadas pelas assaduras. A fome aumenta. Ele chora.

A mãe se acorda e lhe bate nas costas, de leve, acalentando-o.

— Ahn-ahn-ahn, ahn-ahn-ahn...

Não adianta. A criança berra, agora, esfaimada. Augusta ensaia uma canção de ninar, mas, desistindo logo, pragueja:

— Dorme, dorme. Dorme, porcaria!

Acendendo um tóco de vela, Augusta senta-se na cama. Olha para o filho, com raiva. Aquela peste não a deixa dormir. Por que não se cala?" — Toma, raio do diabo! Toma!" — E dá-lhe o seio, novamente. A boquinha se fecha sobre ele, aprisionando-o. Mas o leite não desce, não desce, não adiantam os chupões dos lábios famintos. Augusta cabeceia, dominada pelo cansaço e pelo sono. A criança abandona o seio inútil e vazio. E chora, chora, arroxando-se com o esforço. Seus berros reclamam panos enxutos, mamadeira quente, banho. A mãe, porém, está cansada, muito cansada. Seus membros estão lassos, moídos pela trabalhadeira de todo o dia. Seus olhos teimam em ficar fechados,

um pêso enorme caindo sobre eles. Um pêso de tôdas as fadigas do mundo, grande, muito grande.

Aproveitando um momento em que a criança deixa de chorar, por lhe faltarem forças, o corpo da mulher estende-se no leito. Sua cabeça procura os travesseiros. Não vê mais a claridade da vela, nem resiste mais ao pêso invencível. Entrega-se a um cochilo bom, reparador. Mas o pequeno recobra novo alento. Seu choramingar constante penetra no sono da mãe, como uma broca tenaz, perfurando, perfurando. Augusta ouve o contínuo, que se aproxima, se aproxima, torturando-lhe os nervos, os sentidos, o corpo todo, a alma. Ela desperta por completo e se enraivece. A mão pesada cai com fúria nas costas da criança.

— Dorme, peste! Dorme! Ó diabo, que não deixa a gente sossegar.

O menino emite um som mais alto, na primeira vez em que a mão raivosa se abate sobre ele. Depois se cala, de súbito. Augusta aguarda uns instantes, os ouvidos escutando ansiosos, tensos. Mas não ouve nada mais. Mergulha outra vez no sono, tão bom, tão bom. A vela bruxoleia um pouco. Depois se apaga. Silêncio e escuridão envolvem tudo. Ritmo compassado de respiração adormecida é a única coisa a se fazer ouvir, de manso, de manso.

— o —

Para Augusta, o filho acontecera simplesmente, como um fato de somenos. Concebera-o sem amor, sem paixão, sem prazer, en-

tregando-se ao homem que a desviginizara como se obedecesse a um destino cego, pre-determinado. Negrinha estouvada, boba, deixou-se engabelar pelo primeiro que apareceu. E depois lá ficou, de ventre cheio, aguentando a carga. Com apatia, notou as "diferenças" e suportou o entôjo. Com apatia, atravessou a gravidez e enfrentou as dores do parto. Verdade que o volume atrapalhava, servindo-lhe de continuo estôrvo, dificultando-lhe o trabalho. Mas era como se não sentisse nada, como se não carregasse dentro de si uma outra vida. Tal procedimento poderia parecer resignação. Mas não era, qual nada! Era mesmo o jeito dela: irresponsabilidade na cabeça ôca, ausência de sentimento no coração estéril.

Não modificou, com o nascimento do filho. Continuou no mesmo. Nasceu, nasceu, pronto. A velha que a atendera, notando-lhe o des caso com que tratava a cria, disse: "— Teus sentimentos de mãe tão recolhido. Tu vai ver é mais tarde... Agora tu não liga. Mas tu vai ver mais tarde... tu vai ver o que é ser mãe".

Mas o tempo passava e Augusta não via coisa alguma. O filho continuava a não representar nada em sua vida. Era, mal comparando, semelhante àquela ferida feia que ela tivera na perna, quando criança. A ferida veio, criou pus, alastrou-se, incomodou-a por uma porção de tempo. Mas acabou cicatrizando, indo embora, só deixando um simples sinal como lembrança de sua passagem. Pois o filho, para ela, era certamente menos importante do que a chaga antiga. Havia prometido dá-lo a uma ricaça metida a caridosa. Quando o desse, não sentiria remorsos nem saudades. A recordação do filho, no seu peito, deixaria apenas um sinal pequeno, menor ainda do do que o produzido pela ferida. Nem parecia uma coisa que lhe houvesse nascido do sangue, algo que lhe tivesse habitado o ventre

e chupado os seios. Era nada, absolutamente nada.

Carregava-o consigo para o emprêgo, deixando-o ao léu, num galpão, enleado nos trapos e dentro de uma caixa qualquer. E freqüentemente se esquecia da sua existência, distraída com o serviço. A patroa vinha ralhar com ela, mandar que fôsse amamentar a criança. Ela ia, sim, mas com máus modos, de cara amarrada. Com o tempo roubado pelos cuidados que devia ministrar ao pequeno, o trabalho atrasava, obrigando-a a serôes. Augusta não gostava disso. E vinha uma pontada de raiva, fina, sutil, apossar-se dela. "Êsse peste!..."

E depois, havia ainda o acervo imenso de noites mal dormidas, dando-lhe de mamar, mudando-lhe os cueiros, ouvindo a tôda a hora o seu chorar ininterrupto de esfo meado crônico. Também não podia trazer homens para casa. Eles ficavam arrelhiados, aborrecidos com a gritaria que lhes estregava as noites de prazer, as horas de sono.

Que êle crescesse ligeiro, era o seu único desejo. Ver-se livre do fardo incômodo, o seu único ideal. A ricaça não o queria assim, ainda dos cueiros, sem caminhar. Esperava que êle ficasse maiorzinho, que não desse tantos trabalhos, que não dependesse mais da mãe. Enquanto isso, ela teria que suportar a sua presença importuna, passar trabalhos por sua causa, mourejar que nem cativa, abster-se dos momentos de repouso e das noitadas de alegria. Dentro do coração de Augusta, o ódio criava raízes. Era um ódio disfarçado, traiçoeiro, inconsciente. Mas que existia, apesar disso.

— o —

Manhãzinha, o sol entrando pelas frinças das paredes desperta Augusta. Após a noite repousante, refeita das fadigas, ela está quase alegre, um desejo de acari-

PRIMAVERA

Por Archibaldo Cabral Neves

Era um dia de sol radiante. Do vento sul da véspera, sòmente restavam alguns vestígios, pequenos fragmentos que tornavam aquela manhã mais maravilhosa ainda.

Dava o velho relógio da matriz as sete horas, quando saiu êle de casa, com provisões para o dia e algumas revistas que comprara na véspera, em direção da práia que distava pouco mais de uma hora de caminhada do centro da cidade. Levava consigo, não apenas provisões, mas também uma grande vontade de viver a sós aquele início de primavera, isolado consigo mesmo, e longe, bem longe daquele bulício em que vivia diariamente.

Pelo caminho, ia vendo a cidade levantar-se. As empregadas chegando às casas onde trabalhavam. As portas dos lares a se abrirem, para alguns retardatários que saíam apressados, de certo, a fazer as compras no mercado. Nas ruas, podia-se ainda notar uma certa quietude, sòmente interrompida, de vez em quando, por um "bom dia" de algum transeunte, que perdendo aquele ar de contrariedade produzido pela neuraste-

nia do vento sul maçante, agora sorria, exteriorizando sua alegria, repartindo-a com os outros.

Era primavera. O mês alegre de setembro que chegava, e mais auspiciosamente para a juventude; pois é quando faltam apenas pouco mais de dois meses para as férias escolares, e com elas, as pessoas queridas que vamos tornar a ver.

Nestes poucos dias que se seguíam ao vinte e dois de setembro, é que se sentia verdadeiramente alegre. Em todas as pessoas via solidariedade humana. Procurava então ser feliz, enquanto não caía novamente na realidade, no engano da vida; p'fendia-se a estes dias, e procurava viver, viver intensamente. Reunia tudo de bom que aqueles momentos lhe traziam, para poder, depois, com eles, suportar as mesquinhras que a vida logo após lhe ofertaria, e a quem teria de curvar-se.

Uma excursão, um passeio até a práia de onde pudesse descortinar toda a imensidão e beleza do mar, onde pudesse apreciá-lo e ler socegradamente; onde suas recordações se entrelaçassem aos seus

(Conclusão)

ciar alguém lhe comichando por dentro. Mas não há ninguém, só o filho. Augusta segura-o, para dar-lhe de mamar. A criança não responde ao seu apêto, assusta-se. Um pensamento ruim lhe vem à mente. Lembra-se das pancadas que lhe dera na noite anterior. Sua covardia, porém, impede-a de olhar para o embrulho que tem nos braços. Suas mãos apalpam as faces da criança, sentem-lhe a pele gelada, os músculos rígidos. Uma bola sobe ao peito de Augusta, estrangula-a. Seu afeto materno sai do letargo. "Teus sentimen-

tos de mãe tão recolhido... Tu vai ver é mais tarde..." Ela aconchege o filho, apertando-o nos braços, muito, muito. Seus lábios se movem, murmurando palavras de amor. Canções de ninar, t'ermos doces, que embalam, que afagam, lhe saem da bôca:

— Ahn-ahn-ahn... Bonequinha da mamãe. Querindinho. Ahn-ahn...

E ali fica ela, muito tempo, a cantar para o filho morto. Seus braços embalando a trouxa imóvel, seu peito aquecendo inútilmente o corpinho frio.

Lajes, dezembro de 1950.

MARCOLINO DA LUA

P. Martins

A Lua crescia dentro d'ele, com o barulho das marés de inverno, frias, angustiosas e insuportáveis. Marília era o impossível que rilha o horizonte nos crepúsculos, colore-se em luzes e some-se antes da ventania, da brisa ou do simples desejo de uma fixação da memória. O pensamento dominava a tristeza do quarto, a condição daquela vida espúria fervilhando em anciadade, como se elle (o herói do conto, permitam-me que vos apresente — Marcolino Conceição: profissão doméstica: idade: 32 anos; um metro e sessenta e nove; estado civil: solteiro), nada mais quisesse e a tudo fugisse.

(Conclusão)

sonhos, formando o seu mundo imaginário, no qual viveria como num país da infância; isto era para elle, o começo mais feliz da estação.

Com estes pensamentos chegou ao caminho que o conduziria até a práia. Mais um pequeno trecho a percorrer, e logo estaria vendo o mar, as acolhedoras águas do mar.

A proporção que mais e mais ia se aproximando, as casas, que até então, de vez em quando encontrava, se tornavam mais raras; já quase não se via nem mesmo uma pessoa. Agora era ele o único a caminhar por ali. Sentiu-se possuído duma estranha alegria, duma felicidade imensa, e viveu aquele momento como há tempos não o fazia.

O barulho do mar, agora mais próximo, era a sua poesia. Ao chegar perto dumas pedras, parou para descansar, e talvez por sugestão, sentiu sede. Tirou a mochila das costas. Foi somente então, que soube ter se esquecido do bernal com água em casa. Por um instante pensou em voltar. Não se conformou, porém, em perder assim um dia de tal beleza, não poderia de modo algum adiar para outra vez

E Marcolino Conceição saía da mansarda imunda pela janela azul e, muita vez, equilibrando em raios de Lua, depois travessuras infantis com a sua Marília, possuía-lhe o corpo atraz das estrelas. Mas, quando da queda vertiginosa das alturas, Marcolino acordava entre seus sujos lençóis, chorava como uma criança, com a mesma intensidade como chorava, outrora, o guri Marcolino. O inocente Marcolino que, incauto, perdeu bastante de sua virilidade pelas unhas de sua tia maluca, tão maluca que mutilou e escandalizou o pequenino.

— Marcolino! oh, Marcolino! —

o seu passeio; não poderia passar todo o dia sem água, mas, ao mesmo tempo, pensava que provavelmente não encontraria tão cedo outro dia como aquele. Decidiu-se a enveredar por um atalho que se deparou na sua frente. "Quem sabe, conduzirá a alguma casa, e eu consiga lá água suficiente para o dia". Se assim pensou, mais fácil foi-lhe realizar o seu pensamento. Sem qualquer indecisão, iniciou o novo trajeto. Não andara muito, e logo distinguiu nas cercanias, a fumaça de uma casa. Logo estava a bater palmas na mesma. Uma mulher loura foi quem o atendeu. Com ela conseguiu a água. Não passou, entretanto, sózinho aquele início de primavera; conhecera uma bela mulher, e também conheceu o seu amor da juventude.

.....
Agora, que restam apenas recordações, doces lembranças daqueles tempos, é com uma pequena mágoa que revive aquele início de primavera, com aqueles cabelos, lábios e corpo de mulher, que um dia, ao doce embalar das ondas, viveu com elle, juntos, como se fossem um corpo só.

Os berros da patrão, dona da Penção Efigênia, a própria dona Efigênia, desconheciam horário e às 10,30 da noite, lá era o pobre Marcolino obrigado a sair de seu ninho, a deixar as suas fantasias, para ir comprar vinho ou sanduíches para a patrão e os parceiros do pif-paf. Mas entre suas virtudes a de ser obediente laçao, sem nunca reclamar, Marcolino Conceição considerava orgulhoso.

Terminadas as compras, não lhe apetecia vlotar à cama, àquele só-tão imundo; vagar pela noite, ir ao encontro de sua Marília seria bem melhor, consultadas as vantagens de seu velho capote que, apesar de tudo, aquecia o corpo esquelético e frio. Lá se foi...

As alamedas, inundadas de prata, já estavam quasi desertas. A sua timidez o afastava dos outros. Os gracejos que sua magresa, sua palidez, e seus olhos tristes desperjavam entre os vagabundos e boêmios, não o permitiam frequentar os botequins e os bares que não fecham nunca. Um apelido, no entanto, não lhe fazia mal: Marcolino da Lua.

Júlio, aquele rapaz que estudava Direito e gostava de pirraçar os outros na mesa da pensão, fôra o autor. Dissera, entre histórias, que lhe assentava bem. "Marcolino da Lua, que foge da terra, que tem meia alma cá e meia alma lá, porque tem só meio sexo, Marcolino da Lua". Júlio setia-se bem rindo-se dos outros, mas às vezes Marcolino também sentia-se assim quando riam dêle.

Era preciso encontrar Marília, era preciso encontrar Marília e dizer-lhe muito, era preciso surrá-la, espancá-la. Ela seria o salvador. E, aquela noite êle faria isto, ainda que tivesse de matar — nunca! seu todo serviria mais para morrer do que para ferir uma formiga.

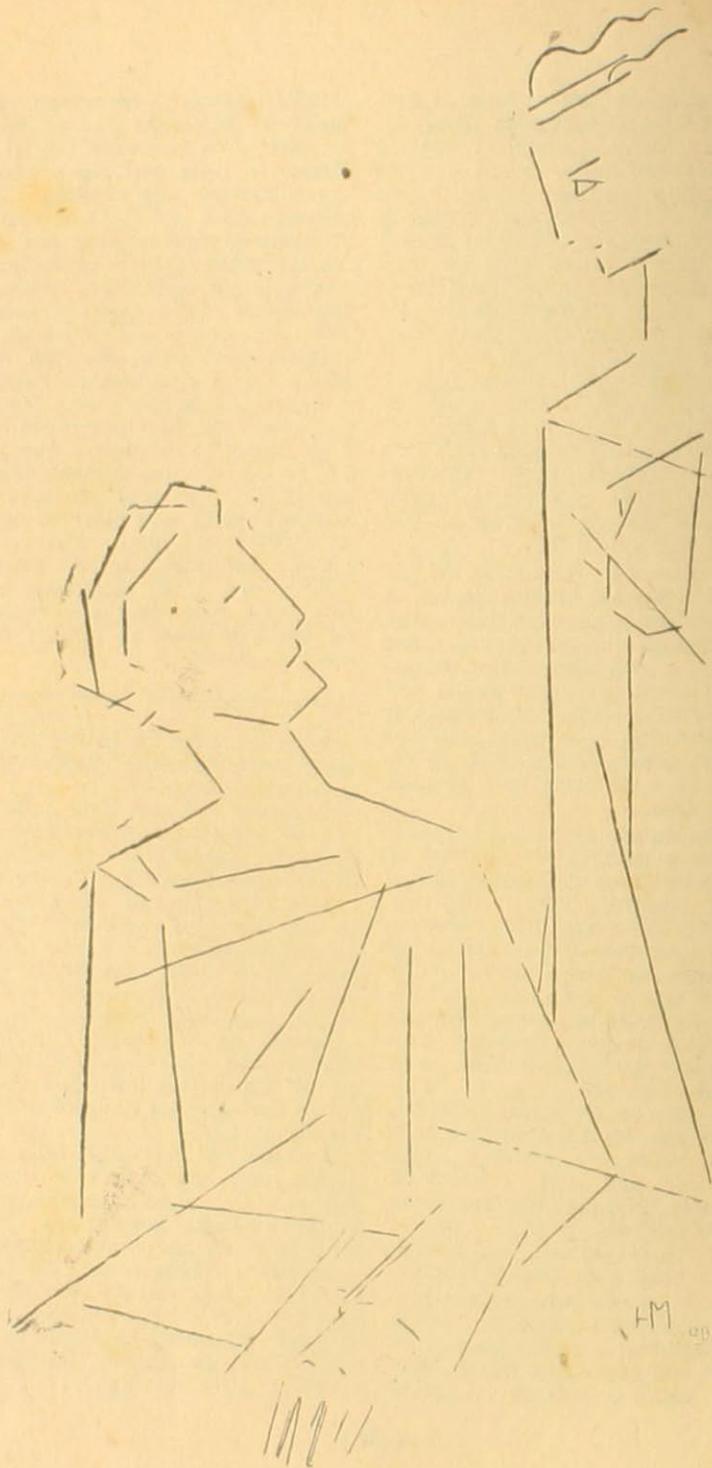
Marília estava bebendo nos braços de um negro forte e sua gordura esparramava-se pelo pescoço do homem que pagava os tragos. Marcolino parou à entrada... aquele

"SUL" sempre encontrou por parte do Jornalista Batista Pereira, diretor da Imprensa Oficial do Estado, o mais decidido e franco apoio. Sempre nos facilitou a imprensa para a confecção da revista e, usamos mesmo dizer, sem êle, muitas vêzes, dada a carência de verba, difficil teria sido virmos à luz. Todos sabem que não somos pessoas muito dadas a agradecimentos e salamaleques. Não usamos o que é grandemente comum e que tem um nome por demais conhecido. Mas há ocasiões em que é de justiça se destacar o que por nós se faz. É o que presentemente succede. Por isto aqui deixamos os nossos simples mas sinceros agradecimentos ao amigo Batista, o apôio dele para levar avante "SUL", que é, já, inegavelmente, sem falsa modéstia, uma revista de boa expressão no cenário cultural do Brasil.

quadro tocou-lhe as entranhas. E louco, cego, investiu furiosamente contra o rival.

"Largue-a!" e com tôda a força deu de leve na cara estupefacta do preto. O revide foi lancinante. Marcolino desageitado dentro do capote, caiu no canto da sala, como um saco e não se mexeu mais. As outras mulheres e homens que estavam no salão soltaram um leve óóó! de compaixão, mas a dona do prostíbulo mandou que o jogassem porta a fóra. Marília não se comoveu. Voltou aos braços do herói e felicitou-o pelo murre "na cara daquele chato de quem ela tinha ódio".

O pobre do Marcolino acordou depois. Seu capote estava mais sujo e a Lua maior. Chorou com a cabeça apoiada nos joelhos, chorou outra vez como uma criança. Seus olhos tinham uma tristeza de sonho, naturalmente sua Marília eram duas — a gorda devassa do bordel e a menina inocente possuída atraz das estrelas, inocente e bela... todinha dele!...



DESENHO DE HUGO MUND JÚNIOR

Amor, Lascínia e...

CONTO

Salim Miguel

"Aquilo a que já quis é tão mudado,
Que quase é outra coisa, porque os dias
Têm o primeiro gôsto já danado."

"Que me quereis"

Sonetos — Camões

... e Alonso me contou.

Foi assim:

Eu estava sentado alí, no Miramar, com o Bernardo. Era de tarde, 4 horas mais ou menos, calor de verdade. Nós bebericávamos uma geladinha, sem coragem prá nada, quando ela passou. Estava só. Olhou-me. Fiquei como doido, ergui-me, deixei o Bernardo que abobalhado tentara esboçar um gesto. Corri quasi... mas no meio do povo ela já se perdera. Procurei-a inutilmente.

(Alonso parou, enxugou o suor, tomou mais uns goles de cerveja, me disse "que noite, ein, de rachar" e recomçou).

Dois ou três dias depois eu ia passando, distraído; e então, de repente, a ví. Ela, não. Olhei-a, fiz sinal, ela me olhou, sorri, ela nada. Tomei-me de coragem e atraquei assim mesmo. Ela, parecia não me ver alí, não me reconhecer. Eu estava todo convencido, no outro dia me parecera observar um olhar de chamado, de espera. E então? Pensei: é acanhamento. Fiquei feliz, falei, empreguei o melhor de meu verbo, você sabe, a gente nessas horas, de duas, uma; ou emburra, nada diz, e caminha ao lado da dona não sabendo que fazer, prá onde virar-se, ou fala, fala interminavelmente sem que nem porque. De tudo; a luz, o sol, a tarde, o calor, e a falta de um venti-

nho camarada, das pessoas que passavam prá lá e prá cá, de mim, dela que eu não conhecia, daquela tarde em que a entrevira tão rapidamente, se ela se lembrava, inventei teorias sôbre bobagens, casos semelhantes, nem sei mais que. Ela, nada. Sorria-se às vezes, não dizia que sim nem que não. Perguntei-lhe se a importunava, o nome, onde morava, se a podia acompanhar (já há mais de uma hora que seguimos juntos pela cidade) se era daqui, o que fazia. Ela, nada. Me enervei. Via, claramente, que minha chada não lhe desagradara. Então, por que? Caprichos de mulher. Mas eu, naquela época, era inespiciente. Nada conhecia das nuances, dos truques, das pequenas sutilezas femininas. Era franco, natural e rude. Ela, apesar de mais moça que eu, já tinha essa coisa inata que se chama percepção feminina. Você já notou que nós homens, o pseudo sexo forte, somos os eternos derrotados na pugna com a mulher, o sexo fraco? Mesmo quando vencedores nós somos os derrotados.

Pois bem, ela não me respondia. Não sei porque. Ainda hoje eu não me explico bem a razão. Mas eu tinha necessidade de lhe ouvir a voz, dela me dizer alguma coisa, de me recusar ou aceitar. Mas não. Ela calava. Eu então fui me retraindo. Timidês, desejo de não desagradar, a impressão de estar fazendo burrada, dei em gaguejar, ela se ria, mansamente, olhava-me com seus olhos muito claros, muito puros e inocentes, de uma ingenuidade e malícia a toda prova.

— Afinal, quase gritei-lhe, que faz você?

— Eu? Nada.

— Pois é isto mesmo que me chateia.

— Por-que?
— Me diga alguma coisa!
— O que?
— Qualquer coisa.
Eu falava aos arrancos, as palavras, contra a minha vontade pois eu desejava parecer meigo e calmo, me saíam bruscas, rápidas. Ela, ao contrário, falava indiferentemente. E isto mais me exasperava. Talvez mesmo fôsse isto que mais me.
— Posso continuar a acompanhá-la?
— Se você quiser...
— Isto não a molesta?
— Não.
— Nem lhe agrada?
— Não.
— É-lhe-qu-sou-lhe indiferente?
— Por enquanto é.
— Por que?
— Ora, nunca lhe tinha visto antes!
— Eu também nunca lhe tinha visto e já me interessei por si.
— Melhor. Eu não sou assim. Custa a me adaptar, ambientar, muito.
— E pode-se saber por que?
— Mas é claro! Imagine se eu fôsse me pôr a conversar com todos os desconhecidos que me procurassem. Você mesmo gostaria? Pois estou certa que não. Vou lhe dizer mais uma coisa que não devia: As mulheres também gostam de ser sequestradas, de se fazerem difíceis, mesmo estando apaixonadas pelo homem (não vá imaginar que êste é o meu caso agora) da mesma forma que os homens não gostam das mulheres oferecidas.
É?
— Por isto então você não recusou nem aceitou logo.
— Talvez eu tivesse um pingão de interesse, tinha que ver.
— E então...
— Vamos ver.
— Mas não podia nem falar, me dizer alguma coisa?
— Não quiz.
— Por que?
Não me respondeu. Pusemo-nos a andar mais ligeiro, os passos

dela, um, dois, um dois, os meus, um, um, um, um, eu alto e gordo, ela baixa e magra, parecendo muito fragil, muito leve. Conduziu-me prá casa dela, pouco falamos, eu olhava, ela ria, o calor, eu de novo começava a sentir a vida, parecia que tudo havia parado, só agora voltava a circular, mas tudo tomava uma outra fisionomia, as pessoas me pareciam menos hostis, olhava-as com um desejo de as cumprimentar, abraçar, beijar, sair dansando. Chegamos, ficamos parados à porta, sentindo que já nos devíamos separar, me parecia que a conhecera de sempre, eu via o que ela pensava, agora estendeu-me a mão, sorriu.

— Agora vou entrar.
— Já?
— É.
— E como ficamos?
— Na mesma.
— Que mesma? Poderei vir aqui? Preciso saber seu nome, tanta coisa mais tinha prá lhe dizer, não sei...
— Meu nome é Lascínia.
— Lascínia, soa bem. Lascínia, hoje à noite eu venho.
— Que lhe disse?
— Você vai me dizer.
— Hoje não. Amanhã a gente se encontra lá em baixo, na cidade a mesma hora, perto da figueira grande.
— E...
— Não. Não diga nada, vamos pensar até amanhã, precisamos os dois pôr a cabeça em ordem, não vamos nos precipitar, vá agora, a mãe está me esperando.

Sai, caminhei, tonto, desejoso de voltar, de a tomar nos braços, mordê-la, esmagá-la tôda. Ela era uma dessas coisinhas deliciosas, macias, sutis, que a gente tem vontade de pegar nas mãos, apertar e apertar, uma dessas coisas que somente uma vez na vida nos acontece. E a voz, já lhe falei da voz, pois não é? pois é, percorria a gente, tomava todo o corpo, era como dedos macios, será que você nunca escutou com todo o corpo?

Pois é. Nós ficamos só ouvido, nos concentramos todo, a voz desce e sobe, nos rodeia, dá-nos uns arrepios, gana de a retirar, não é bem isto, de a pegar, de mansinho, nas mãos, de a acariciar. Você já imaginou a voz tomando forma, corpo, mas um corpo indistinto, sem forma fixa se me entende, se não lhe parece bastante maluco e que se adapte a nós, se amolda ao nosso. É preciso estar como eu estava prá entender. A voz dela era assim — ou eu é que estava assim? Não sei.

Quase que lhe vou falar dos cabelos, os olhos, a pele, os braços, os dedinhos, as mãos, o rosto, o corpo, tudo. E contudo, apesar de grog, eu via, ela não era bonita. Tinha os traços irregulares, o rosto um pouco comprido e magro, acriançado. No entanto, para mim, ela era a beleza. Você entende? Mas que encanto era êsse que eu só via! Quem poderá me explicar?

Continuei andando, desci, encontrei os amigos, falei-lhes, todos me tinham visto com ela, acharam um "bofe", muito magra e desajeitada. Eu concordava, sem no entanto deixar de retrucar. Eu queria-lhes explicar o encanto secreto, a gloriosa beleza íntima de toda ela, essa como áurea que a tornava um ser aparte para mim. Cadê palavras porém, eu ficava como agora, repetindo sempre as mesmas coisas, os mesmos chavões, essas coisas a gente não consegue explicar com palavras, elas nos parecem tão vazias é ainda a palavra uma coisa tão falsa, tão pobre e inexpressiva, tão sem importância diante desses assuntos! Nessas ocasiões é que nós compreendemos bem isto. Então nos utilizamos da expressão fisionômica, da mímica, dos gestos e quantas vezes um simples olhar diz mais do que horas de falação.

Pontual, no outro dia, eu lá estava. Ela chegou pouco depois, de longe já a percebi, magra e baixa, se encaminhando prá mim o sor-

riso meio irônico nos lábios. Eu, não se ria por favor, eu tremia, onde a confiança de ontem, aquele ar de mandão, ela me desarmava inteiramente, não encontrei o que dizer.

— Como vai, Alonso?

Me estendeu a mão, apertei-a, gaguejei na resposta, sem jeito, ela o percebeu, larguei-lhe a mão, trêmulo, as mãos juntas agora, procurando coragem, apóio, ela me sorrindo. Saimos a andar, sei que entramos numa sorveteria, sentamos, nem sei o que pedi, saímos de novo, ela tinha que dar uma volta, fomos, depois sentamos no jardim, a calma, a paz, as pessoas que passavam, calor, de vez em quando eu tentava algumas palavras, o vento, hoje ela é que falava, e ria, eu escutando me contou uma porção de coisas, não lembro mais bem o que foi, eu só fazia repetir de minuto a minuto o nome.

"Lascínia... Lascínia... Lascínia". e com ele me vinha um bem estár enorme, como se tudo fôsse bom, todas as preocupações desaparecidas. Parecia-me que o mundo se havia transformado, eu não via a fome, a miséria, o mal, as incompreensões e guerras, nada, tudo que há de ruim se evaporara.

Eu desejava que o minuto passasse, dar um tiro no vir a ser, ficar no estar, sempre.

Eu estava feliz, contente logo o mundo estava feliz, contente. O mundo é o que trazemos dentro de nós, êsse é que vale, que importa, somos todos uns egoístas, intróspetivos, individualistas, o mais é secundário, só pensamos nos outros quando por um motivo qualquer os outros são nós, tem os nossos problemas e nós nos identificamos com eles, nos pomos no lugar deles ou eles no nosso. Demais tudo se transforma, se muda, de acôrdo com a nossa reação íntima, o modo como reagimos em frente ao meio ambiente e, nos modificando, o modificamos. Ficamos fazendo parte dele e só

sabemos pensar em função dele, pois a ele nos amalgamamos. A verdade, quer queiramos quer não, mesmo que isto nos desagrade, é que a priori, só nós contamos. Os outros vem depois, nem existem, são paisagem para nos completar.

Talvez eu gostasse dela porque com ela eu me sentia tão bem, ela possuía o meu clima, ela me completava, possuía a minha outra parte, era eu. Também eu, acho hoje, a idealisava, talvez ela não possuísse muito do que eu lhe atribua, não sei. Mas no momento eu não pensava assim. Aliás, não pensava. Vinha tudo confuso, não sei, talvez por eu ser tão inexperiente, nunca depois senti mais o mesmo estado, com nenhuma outra mulher.

Saimos do jardim, fomos para casa dela, ficamos na porta a conversar, eu não lhe largando a mão, aquela mãozinha tão pequena e macia que desaparecia entre meus dedos. Combinamos que eu voltaria a noite, fui é claro, ela agora também já me queria, não o procurava esconder, quando cheguei o brilho de seus olhos aumentou. Estivemos juntos longo tempo, até tarde, até que a mãe a chamou, então tomei-a nos braços, ela resistiu, eu vi que era só por resistir, mas logo depois cedeu, os lábios, procurei-os depois de lhe ter percorrido com os meus todo o rosto, a pele tão macia, beijei-a nos lábios, tão doces, tão puros e suaves, para mim pelo menos, minhas mãos em seus cabelos. Ela se entregava inteiramente, simplesmente, com um desespero ingenuo que me metia medo. Saí, mas só depois da "velha" ter reclamado nem sei quantas vezes. Saí de lá ébrio de felicidade, com chavão e tudo. As vezes sentimos necessidade das palavras chavões, só elas são capazes de dizer inteiramente as coisas, por evitarem a procura e só significarem "aquilo". O cérebro, quando as recebe, já formula a imagem exata, sem a procura estante das coisas novas. Não digo

que as coisas novas não sejam melhores. São. Mas nós, regra geral temos uma tendencia inata para o mais facil, o já feito, uma preguiça de pensar e concluir! Por isto!

No dia seguinte, fugi. Me perguntando porque. Eu não me era capaz de explicar a razão, o porque, se eu lhe queria tanto e ela a mim. Mas foi uma do? Por que sorri? Escute: Fugí. Sem lhe dar a menor explicação. Mas poderia, saberia eu dar explicação? Não me parece possível que sim.

Sòmente agora que me parece que sei. Quer que lhe diga? Não garanto que seja isto mesmo. Me parece que sim, entenda.

Me pergunto as vezes: "Será que errei fugindo? "Mas que podia eu fazer além disto? Quem sabe qual o certo? Nós encontrando o que procuramos, qual a nossa razão de ser o que nos sobrará mais? Mas, não é isto, não é disto que lhe quero falar. Escute:

Imagine que eu tivesse ficado, o que se daria depois. Eu antevia tudo. O passar dos anos, a desilusão, ver o que eu formara murchar, desaparecer aos poucos. E me era odioso acima de tudo, ver o aburguesamento daquela mulher que eu amava talvez não tanto pelo que ela era, por ela, mas pelo que ela representava para mim. Imaginava-a daí a poucos anos: cheia de banha, e de filhos, roida pelas doenças e desilusões. Não, era-me impossível! Casar-me com ela, vê-la engordar, envelhecer, perder-se, não ser ela mesma. Era ver desaparecer meu sonho, eu mesmo, meu ideal, a luz que todos nos temos, a nossa razão de ser. Você me entende? Pois é. Fugí. Assim eu mantive intocada a primeira impressão. Hoje ainda guardo, ainda, ainda procuro a razão de ser. Eis aí: Guardo dela a impressão daquela noite, guardo dela a figura que ela era, pura, nunca a imagino como pode vir a ser, como talvez já seja. As mulheres e os sonhos envelhecem tão cedo, murcham e se vão tão cedo,

TEATRO

Composição para Judas e Côro de Dez Anjos (Pantomima em três cenas)

Personagens

Judas
O côro dos dez anjos acusadores
Cristo.

Ody Fraga

Implora compreensão. Atira-se desesperado contra uma das paredes.

Cenário

Nave de um enorme templo gótico. Únicamente as paredes laterais. Ao fundo, onde deveria estar o altar-mór, uma árvore desolada com uma corda para enforcamento caindo do galho mais forte. Iluminação azulada. Sombras de cruzeiros.

Cena 1

Música sacra, entoada por côro. Entra Judas. Movimentos lentos. Medita. Anda pela nave do templo como em busca de uma saída, mas sempre encontra uma das enormes paredes. Volta e torna a andar meditando para outro canto. Começa a transformar-se. Vai ficando agitado, nervoso, clama para um infinito intangível. Clama! Mortifica-se. Chora. Atira-se desesperado contra as paredes do templo, mas elas são implacáveis. Foge, procura fugir, sempre, sempre... Começa a dizer, para pessoas invisíveis, que não é culpado.

(Conclusão)

que sempre é bom mantermos algo intangível, intocado e puro, no qual nem nós mesmos devemos mexer. É sempre o impossível para o qual pendemos, que nos atrai e para o qual nos dirigimos. Eu, tive êsse impossível na mão quase o violei. Quem sabe a desilusão que eu teria? Julgo que foi melhor assim. Não sei. Talvez esteja errado. Mas hoje que analiso as coisas com isenção de ânimo, de longe, com mais frieza, acho que agiria em idêntica situação, da mesma forma. Ela era eu demais, muito o que eu procurava, para durar. Tive medo, confesso. Violada, ter-se-ia esvaído. Assim, guardo sempre a impressão primeira de que poderia ter possuído o impossível. E isto é bom.

Dezembro 1948.

Pano

Cena 2

Cântico de invocação por côro a quatro vozes. Judas está caído junto a uma das paredes. Entra o côro dos dez anjos acusadores. Desenvolvem-se em acusações em torno de Judas. Este levanta-se com dificuldade e procura mostrar aos anjos que é inocente, casto, puro como um regato de floresta virgem. O côro é impietoso. Implacável. Persegue Judas em movimentos acusatórios. Sempre acusando, sempre acusando. Judas foge, mas sempre em vão. Para cada canto que se dirige há um anjo a acusá-lo, a lhe apontar o crime que cometeu. O cântico sobe ao auge e a cena se ilumina com a luz radiante de uma cruz projetada sobre a árvore do fundo. Judas se transfigura. Seu semblante ganha paz, doçura e harmonia. Caminha sereno e confiante para a fôrca. Os anjos dansam à sua volta em movimentos de histérica e permanente acusação. Judas já não teme. Judas venceu. Coloca o laço da corda em volta do pescoço, com o semblante sereno e triunfante. Os anjos caem fulminados, impotentes.

Pano

Cena 3

Um cântico de glória e ressurreição. Ao subir o pano, os anjos estão retirando o corpo de Judas da fôrca. Estendem-no por terra. Dançam ao redor do enforcado com triunfo e glória. Cristo entra em cena. Os anjos acorrem a contar-lhe a boa nova: Judas está morto. Cristo expulsa os dez anjos acusadores, que fogem atônitos. Vai até junto do morto, abre para êle os seus braços, Judas levanta-se e com pureza e simplicidade é recebido no seio de Cristo. Judas ressurgiu.

Pano

Rio, 6 de junho de 1950.

C A M I N H O S

(A Ribeiro Couto)

Por aqui e além
Em vão procuro
O que não sei.

(Meus passos cansam
No rasto inútil
Dum sonho que amei).

Sombras persigo
Na luz clara
Que envolve a vida.

(Só na minha alma
Continuamente
Sangra uma ferida).

Alguém me chama
Lá do mais fundo,
Ou é sòmente
Uma ilusão?

— Ninguém me chama,
Ninguém escuta
A voz perdida
Em pura ausência
E solidão.

(Lisboa, Outubro de 1950)

L U I S A M A R O

R E V O L U Ç Ã O

Todos os homens
Os pela dor deformados
Os pela fome quase vencidos

As mulheres
Portadoras de mundos
Cujos filhos nascem mortos

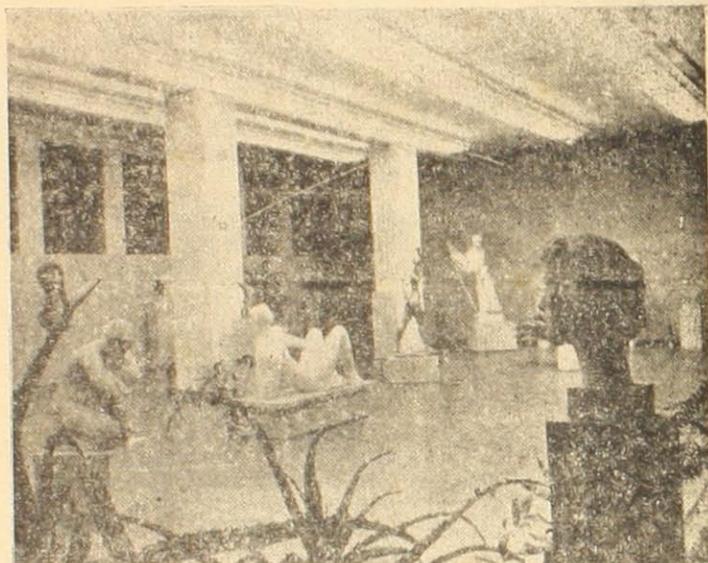
As crianças
Ainda sobram sorrisos
Submersos em tanto pranto

Juventude em mundo velho
Morrendo por novo mundo
Que outros irão viver

Da noite brotam conversas
De alvorecer luminoso
Que importa a luta de agora
Se de sol é o amanhã

Surgem heróis das campinas
Das fábricas e dos roçados
Morrem homens vinte vezes
Mas não morre a liberdade
O povo ama seus mortos
Não olvida os matadores
Juventude em mundo velho
Limpará o mundo novo
Que outros irão viver.

G E L É M A L H E I R O S



EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DO ESCULTOR BRUNO GIORGI
— MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO.

EXISTÊNCIAS FINDAS

Máximus Bernardus

Assustarei os mortos...
ferirei os seus olhos petrificados
com suspeitas e interrogações
e mais os corpos devastados
de ontem ou de muito tempo
sob a terra repousando.

No cemitério
vazio de vida
vigiearei os sonhos
dos que não dormem mais
vigiearei o sono profundo
dos que não sonham mais.

Ciprestes e luas
percorrerão caminhos
e sol também
mas para eles tudo se apagou
nos falecidos olhos.

Nem lembranças vivem mais.
Infância e existência mortas.

No cemitério
insepultos cadáveres dançarão
ao som do meu olhar pecaminoso
dançarão valsas noturnais.

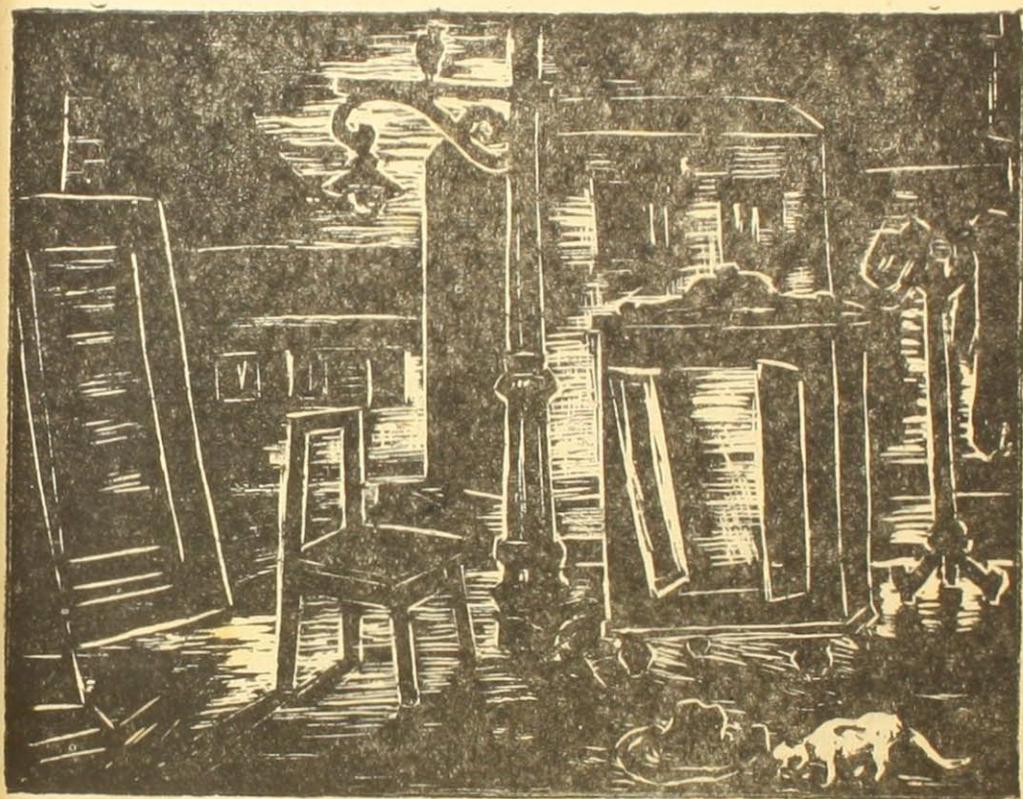
Nós os vivos
expectadores mortos
extintos pelos que morreram
seremos a angústia
ainda sem término.

BALLET

El lirio mujer se abre en la noche
Y en la lágrima
Que duerme sobre el cáliz
Se abre en la noche
Y rueda la lágrima
En el terciopelo de los párpados.
Un estremecimiento agita
Convulso el lirio
Mujer
Como un sueño detenido
Como una mano cruel
Que sacude todas
Las ilusiones
Del ramo de la esperanza.
Tengo el tedio
Sobre mi copa vacía
Que cuenta una vieja historia
De amor.
El lirio mujer
Ja se desmaya sobre mis manos
Duerme un sueño convulso
Y sobre mi frente
Se retrata la lagrima
Que dibuja la dulce esperanza.

Nélida Aurora Oviedo

(República Argentina).



Xilogravura

O. GOELDI

ESCRITORAS DE PORTUGAL

Eglé Malheiros

Uma das principais vantagens culturais que nos trouxe a publicação de "Sul" foi o intercâmbio com os escritores novos de Portugal. Foi-nos revelada uma geração de coragem e valor, por meio da ficção principalmente, todos os graves problemas dos homens e do mundo, com uma sinceridade que provoca a admiração de quem quer que saiba, por ouvir dizer ou pela própria experiência, o que é um governo como o de Salazar.

E, para mim, a melhor surpresa foi o travar conhecimento com as escritoras de Portugal. Seus livros afastam para bem longe os tolos preconceitos existentes no Brasil, e pelo que sei em Portugal também, de que mulher só para "escrevinhadeira" e nunca para escritora.

Pretendo hoje me referir em especial a dois livros, um de Manuela Pôrto e outro de Judith Navarro.

Li "Um Filho a Mais" ao mesmo tempo que soube da morte trágica da autora. Ao terminar o livro tive a sensação de ter perdido uma amiga. Os contos de Manuela Pôrto têm tanto desencanto e amargura que a gente sente vontade de dar a ela a esperança que nos resta. E são feitos por uma artista que consegue o máximo de emoção com o máximo de sobriedade. Ela não nos chama a atenção para a história trágica que vai narrar, começa como que disfarçando a gravidade do caso, pois são fatos do dia a dia que ali estão. E de repente nos vemos envolvidos por uma trama cruel, mais cruel ainda porque pode ser considerada banal, tantas as vezes que a vida a repete diante da indiferença de todos.

Tenho a impressão de que para nós mulheres os contos de Manuela Pôrto são mais trágicos do que para os homens, pois apresentam uma visão feminina através de uma sensibilidade profundamente feminina.

As personagens masculinas, que ela nos apresenta, mostram quasi sempre o lado egoísta, desse egoísmo quase instintivo que muitos homens têm, e para o qual há sempre a desculpa despreocupada do "ora, são homens". E ao lado deles gravitam as mulheres que se apagam para que eles possam brilhar, seja esse brilho mulheres bonitas ou anel de rubi para ostentar no dedo. Entramos a fundo no drama das que mantêm um simulacro de lar para evitar que os filhos deixem de respeitar o pai, no drama anônimo das que exultam de alegria quando o marido se digna a lhes sorrir. E há ainda a galeria das personagens que ela mesma chama de ingênuas, homens e mulheres confiantes e bem intencionados que se chocam contra uma muralha de interesses mesquinhos e desonestidades, e terminam por tombar vencidos.

Naturalmente não concordo com a solução que Manuela deu a todos esses conflitos, que foi de negação e aniquilamento. Concordo que muitas vezes, e por muito tempo, a vida possa ser uma rua cinzenta e sem sol, mas (infelizmente Manuela Pôrto não teve esta certeza) o sol reaparece sempre e pode-se viver dessa esperança de vê-lo surgir, uma vez que se lute para que isso aconteça.

Em Judith Navarro também a vida aparece em toda a sua crueldade, mas está sempre presente a solidariedade humana e uma certeza de que nem sempre a vida será assim.

Seu livro "Esta é a Minha História" conta a vida de uma moça que vê pouco a pouco destruídos seus sonhos na luta inglória de conseguir o que comer.

Realmente um enredo batido, que os livros e a vida repetem a cada instante. E mesmo o caso de amor não é original, para ela uma afeição sincera ao passo que para o pianista afamado uma aventura a mais. Mas é justamente dessa falta de novidade que a romancista tira grande parte da emoção do livro. Dos pequenos casos, das palestras sem grande significação, dos gestos repetidos, salta um mundo ignorado de humanidade, amor e revolta. Há uma cena em que a família pobre faz um bolo, um simples bolo, e a gente sente como aquele preparo quebra a rotina, como aquele gasto é quase uma aventura.

E mostra-nos ainda a exploração organizada do trabalho, em que o patrão fecha os olhos a todas as misérias e dores das empregadas, interessado somente na maior eficiência. Travamos conhecimento com os anseios dessas mulheres, desejos que para outras pareceriam mesquinhos e sem valor, mas que são ainda o pouco que elas podem ambicionar.

Falei acima em solidariedade humana. E o livro está cheio dela, dessa solidariedade dos que nada têm e assim mesmo se auxiliam, dessa solidariedade que tem grande valor porque nunca toma o caráter de esmola. São os explorados que se unem no desejo pungente de sair da condição em que se encontram, embora na maioria não saibam como fazê-lo.

Judith Navarro não nos conta essas coisas com o sombrio desespêro de Manuela Pôrto. Ela o faz de maneira revoltada e sombria, porém com a firme determinação de se voltar contra o "status quo", olhando em frente em busca de uma saída.

As personagens de Judith Navarro podem ser vencidas no decorrer da narrativa, mas permanece no leitor a impressão de que a derrota não foi definitiva, de que a vida tem um hino de esperança que nada pode fazer calar.

Duas escritoras de Portugal cujos livros chegam a nos dar a sensação física de dor quando os lemos. Escritoras que descrevem uma sociedade tão semelhante à do Brasil. Escritoras que nos fazem pensar que realmente só quando o homem se libertar da exploração do homem, só quando nossos países evoluírem se libertando das correntes que os prendem ao atraso, só então se sentirá inteiramente a dignidade de ser mulher.

ARTES PLÁSTICAS

A PINTURA MODERNA E O HOMEM NORMAL

Dantes, durante muitos séculos, pintar, fazer arte, era sempre ou quase sempre, imitar, copiar, mesmo, a natureza seguiu-a à risca em todos os contornos da sua objectividade.

E quanto mais perfeita e exacta fôsse essa reprodução, quanto mais fiel e até alindado fosse o quadro, melhor e mais valorizado era o pintor. Não ficou Apelles, segundo se conta, logrado quando tendo ido a casa de Euxis, a seu convite, para ver um quadro que representava um cacho de uvas, este já lá não estava por ter sido comido pelas aves que haviam entrado pela janela? Pois ficou... Pintar, portanto, fazer arte, era exactamente isto: reproduzir tão bem a coisa pintada que desse, a quem a olhasse, a ilusão de ser ela mesma, ou porventura mais perfeita ainda do que ela mesma.

Ora contra semelhante subordinação se começou de romper nos fins do século passado e sobretudo nos princípios do presente.

Realmente, o pintor, mercê de certas determinantes, libertou-se de todas as fórmulas feitas, oficializadas, e tornou-se independente, quer delas, quer da realidade objectiva ensaiando outros meios e procurando alcançar outros fins. E quais teriam sido essas determinantes, que assim o levaram a romper com o estabelecido e a ir em busca duma nova e mais pertinente Ordem? É difícil apreendê-las e precisá-las, a todas. Mas decerto as mais importantes devem ter sido: a alteração sofrida no ritmo da vida, causada por uma cada vez maior aplicação das descobertas da ciência à técnica às várias actividades; a euforia que a consciência de uma cada vez maior domínio na natureza o facto provocou; a consequente ânsia de libertação e, portanto, a revolta contra o estabelecido; a procura, daí resultante, de

outras formas e de outros processos mais consentâneos com a nova óptica e a nova sensibilidade; a inquietação que nos mais despertados e vibráteis gerara o pressentimento das perturbações que consigo havia de trazer (como de facto trouxe) o advento e a aplicação duma tão rica e revolvente técnica; as sondagens freudianas e bergsonianas nos mundos virgens, ou quase, do subconsciente e do irracional, correspondentes às feitas nos domínios vastos da natureza; o estudo da arte egípcia e, sobretudo, a divulgação, em Paris, da arte japonesa, e, mais tarde, a influência da escultura negra; e, finalmente, o aperfeiçoamento da máquina fotográfica, descoberta em 1829 por Niepce e Daguerre.

E assim surdiu e se tem vindo a processar, sob o influxo de um verdadeiro **espírito novo**, e através de vários "ismos" (do **impressionismo**, do **fauvismo**, do **cubismo**, do **futurismo** e do **supra-realismo**, etc) a chamada pintura moderna.

Não obstante ter ela já mais de quarenta anos de existência e de se terem criado à sua sombra, sem dúvida, definidoras e marcantes obras de expressão plástica, a verdade é que o homem normal, continua a manter-se dela distante e alheado, comportando-se, frente a ela, talqualmente se comportam uma criança ou um selvagem frente a uma boa e exactíssima fotografia, cuja realidade nela contida não conseguem jamais identificar.

E não podendo compreender, aderir, o homem normal vingase com dizer, num entono de suficiência, que tão bem lhe quadra, que tal pintura quem quer poderá realizá-la sem esforço (até mesmo uma criança) — nada por isso valendo, nada significando e nada sendo senão uma demonstração de inépcia e de decadência.

Quanto ao primeiro ponto, diremos que só por graça é que pode admitir-se semelhante possibilidade. E senão experimente o homem

normal e verá que nada consegue, senão um arremedo, melhor ou peor, consoante a habilidade que tiver. Mas somente isso e nada mais. Moderno é que não conseguirá fazer. Quando muito "modérnico", como disse alguém. A coisa realmente é complicada, creia o homem normal, embora o não pareça. Lá que as criações plásticas da pintura de hoje, lembram tantas vezes as das crianças e, até, as dos primitivos, não há dúvida. Mas isso, longe de ser um mal, é um bem, pelo que de ingénuo, de puro, de límpido e de virginal lhes imprime esse retemperante regresso às fontes. Não recuperava Anteu forças, cada vez que tocava no solo com o seu corpo? Pois recuperava... E não seria por isso mesmo que o grande Gauguin disse uma vez: "*La barbarie est pour moi un rajeunissement. La grosse erreur, c'est le grec, si beau qu'il soit*"? Decerto foi...

Quanto ao segundo ponto, vejamos se nos faremos entender. É um tanto difícil. As criações da arte não se explicam: — fazem-se. Nada mais. Mas serão, na verdade, uma demonstração de incépcia e de decadência as criações da pintura moderna que vemos nos livros de arte e nas exposições? Se assim é, como se compreende que haja pintores, com responsabilidade, que persistam em as fazer e em as expor? E ainda, e sobretudo, quem, também com responsabilidade, as aceite, estude e defenda? Vamos por parte. Dantes, quando ainda não havia "kodaks", quem desempenhava o seu papel, e com honra, era o pintor. Fazia arte, no sentido que então tinha a palavra, em geral, e fazia história, perpetuando nos seus quadros a memória dos factos e dos homens. Estava certo. Era assim mesmo. As coisas mudaram porém muito, pelas razões já apontadas e por outras que seriam longo referir. Basta, portanto, que assentemos nisto: Se arte é essencialmente, co-

mo há muito está demonstrado, a expressão de estados emotivos, e artista todo aquele que tem o dom de os apreender e comunicar através das suas criações, não poderá a pintura ser somente reprodução exacta, ou quase, do mundo exterior, como pirrónicamente quere que seja o homem normal. — mas o visto, o sentido intimamente ao contacto com esse mundo. Por conseguinte, o pintor, pintando, fatalmente pinta a sua visão, ou seja aquilo que a realidade sensível despertou na sua imaginação, recriando-a e não reproduzindo-a em toda a sua fria e inexpressiva objectividade. Não será portanto o mundo exterior que o pintor autêntico, verdadeiro, nos porá, nos tornará visível na tela, mas o seu mundo psíquico e mental, o que viu com os olhos da alma por via aos olhos da cara, ou seja o que de essencial e de íntimo há nesse mundo — tal qual o faz o poeta nos seus versos, o músico nas suas composições e o romancista nos seus romances. Nenhum deles se circunscreve, portanto, a decalcar a realidade objectiva, imediata, antes cria, pelo contrário, a partir dela, algo de novo, de vivo, de expressivo, e, por conseguinte, de deformado e até mesmo, de monstruoso. Sim, de monstruoso! Que outra coisa são, em geral, as visões que os verdadeiros poetas nos comunicam por via das suas chocantes e revolvedoras imagens, metáforas e ilogismo? E ainda, e sobretudo, as figuras que os romancistas põem a viver pela imaginação nos romances? Tão monstruosas que, se com elas topassemos alguma vez na vida, decerto nos causaríamos pavor ou repulsa. Ora se assim é, se todos os artistas, para o serem, são impelidos a violentar a realidade do mundo exterior, se todos, enfim, criam **monstros**, para criar a forte, percuciente e perturbante beleza da fealdade (no domínio da arte, entenda-se), porque não hão-de os pintores, como verdadeiros artistas que são, poder fazer outro tanto?

DOIS CASOS...

I

CASO DO MUSEU

Foi um espanto. Florianópolis oficializava o primeiro Museu de Arte Moderna do Brasil. O Estado de Santa Catarina se projetava como vanguardeiro no terreno das Artes. Em jornais, revistas, suplementos literários e não literários, do Brasil e até mesmo do exterior, inumeráveis foram os aplausos à iniciativa. Doações surgiram, de governos, de particulares, de artistas, etc. A Prefeitura votou uma verba anual para aquisição de quadros. Outros pareciam se interessar. E tudo parecia andar bem no melhor dos mundos. Mas, por trás do aparente interesse pelo Museu, quanta aspiração excusa, quanto interesse que nada tinha a ver com a Arte ou com o "alevramento cultural do povo de nossa terra"!

Inegavelmente que a glória maior do aparecimento do Museu cabe ao escritor Marques Rebêlo. Sem a vinda dele com a Exposição, nunca se teria pensado na fundação de um Museu de tal gênero. Além do Marques não poderemos deixar de citar o Dr. Jorge Lacerda, à época orientando o suplemento "Letras e Artes" do Jornal

(Conclusão)

Não foi Leonardo de Vinci que disse, já no seu tempo, porque via longe, que a pintura é mental e ainda e sobretudo, **que é uma poesia que se vê?** Pois foi. E então, não sentes ainda porventura, homem normal, vontade de aprofundar o assunto, de o estudar séria e conscientemente, fazendo portanto uma barreira geral aos teus rançosos e sedícios conceitos? Continuarás tu por conseguinte, frente a um quadro de pintura moderna, a olhá-lo com a mesma indiferença e a mesma incompreensão? A não fazer esforço para entender e alcançar o que de belo, de sugestivo

"A Manhã". Além disto não poderemos esquecer o trabalho realizado pela "SUL". Foram, a nosso ver os únicos cujo interesse primeiro era a criação do Museu, nele vendo um motivo de adiantamento da terra e uma necessidade. Para os demais, salvo raras exceções, bem poucas, puros interesses extra-artísticos, tanto assim que uma vez desaparecidos semelhantes fatores deixaram de se preocupar pelo Museu, vindo o mesmo a morrer à mingua. Aliás o erro da fundação, sem bases sólidas, apressadamente, querendo aproveitar o momento para mera publicidade, partiu desde o início. O plano era a fundação de um "Museu de Arte Contemporânea". No decreto, talvez por esquecimento, talvez por imperícia ou desconhecimento de causa, saiu Museu de Arte Moderna. Pura questão de terminologia, bem sabemos. Assim ficou. Expliquemos contudo. Sabendo-se a ojeriza que o público mal informado vota à Arte Moderna, sabendo-se o quanto o termo, dadas certas condições, em aparência, limita, justo mesmo seria a denominação Contemporânea, mais elástica, mais ampla, que não causa tanta repulsa. A finalidade da criação do Museu era, entre outras, em grande

vo e de humano porventura nele se contenha? Ao olhar um quadro que represente uma paisagem e uma vaca, (no exemplo uma vez dado pelo grande pintor do nosso tempo, Lasar Segall), que não sejam tal qual, dirás ainda que o ar daquela não é como o da natureza e que a vaca é muito diferente? Então é porque perdi o meu tempo, não sendo possível fazer-te compreender que o ar daquela pintura não foi feito para respirar e que a vaca pintada não o foi para dar leite...

Faro, 4 de março de 1951

(Manuel Pinto)

parte didática. Interessar o povo, mostrar-lhe que a arte, qualquer que seja ela, é uma necessidade para o homem. Far-se-ia uma espécie de curso de pintura. Sua evolução. Tudo explicado seja pelos trabalhos originais (muito difíceis de conseguir), seja por reproduções.

E tudo andava bem no melhor dos mundos...

A quem caberá a culpa da quase nati-morte e consequente paralização do Museu? A muitas pessoas. À incuria da comissão encarregada do mesmo que o viu derreir sem nunca haver movido uma palha; ao desinteresse do Marques, desintêresse causado por vários fatores: a falta de uma sala apropriada; ao pedido de uma professora, **das mais cultas da terra**, para que "Fôssem tiradas essas **COISAS** daí", do **salão onde se achavam**; ao abandono a que o antigo Secretário de Educação relegou o Museu; ao empilhamento dos quadros não sabemos onde (dizem uns que num porão, onde morfam, outros que amontoados numa sala úmida, ao certo não sabemos onde), quando o verdadeiro teria sido, em última instância, a escolha de uma outra sala, mesmo provisória.

O plano para a construção do edificio do Museu aí estava. O arquiteto Flávio de Aquino já o esboçara. Podia mesmo ser feito por partes. Teria diversos salões: para conferência, Exposição permanente, parte do Museu, didático, Expositores que por aqui passassem, etc. Ótimo plano, num prédio que além de possuir linhas modernas, sóbrias, não sairia por demais oneroso ao Estado.

Por que não saiu? perguntamos nós. A resposta é tristonha: Porque as pessoas não meditam antes de prometer ou só prometem quando outros interesses inconfessáveis os guiam. Falhados êstes, tudo o mais esquecem.

Sim, um caso triste, um tanto sórdido, êste do malfadado "Museu de Arte Moderna de Florianópolis",

que nasceu sob uma sina má: **A de interesses alheios à Arte.**

Apelamos a quem de direito para que trate de ver "o que é que há".

Afinal, se outra razão não existe, trata-se de patrimônio público e bem se cuide ou então se venda ou doe a outra instituição de caráter semelhante.

Mas não de semelhante "organização".

I I

CASO DO CONCURSO

Em princípios do ano que findou começou-se a falar na realização de um "Concurso de Monografias, Romances e Novelas, para a comemoração do Centenário da Colonização de Blumenau". Elogios, Jornais, revistas, rádios, espalharam pelos quatro cantos do Brasil as bases do concurso, a "auspiciosa nova", com palavras elogiosas para a iniciativa. Na verdade feliz, felicíssima. Senão vejamos: Além do prêmio de vinte mil cruzeiros (Cr\$ 20.000,00), interessante, havia o que, talvez, para muito escritor novo, sem possibilidade de publicar volume no redutidíssimo ambiente editorial brasileiro, importasse ainda mais, a edição, por conta do governo, dos trabalhos primeiro e segundo colocados.

Não sabemos se muitos terão concorrido. Pode ser que não. Sabemos, e com certeza certa, de pessoas que concorreram.

Certamente tais pessoas terão trabalhado, sonhado, perdido noites de sono, vasculhado bibliotecas, arquivos, etc., aborrecido parentes e amigos, a falar e falar no ta concurso, no trabalho que estavam preparando, imaginando já serem vencedores, o livro editado, exposto nas vitrines de Rio, São Paulo, Porto Alegre, outras cidade, criticado pelos inexistentes críticos do Brasil, louvado e atacado... Se fôssem mais ambiciosos sonhariam com entrevistas dadas

aos jornais, falando doutoralmente (livro premiado, oras!) do parco ambiente cultural do Brasil, da necessidade de estímulo e coisas semelhantes. Ou então, derrotados, procurariam explicar os motivos, ler os vencedores e comentá-los, se acharem superiores. Enfim, tudo humano e natural...

Tudo ficou no sonho. Até hoje, muito tempo passado já, nada se sabe do concurso. No entanto das bases constava que os volumes premiados seriam editados pelo governo até dezembro de 1950, sem o que o Estado perderia os direitos autorais sobre os mesmos. Isto significa que o concurso deveria se realizar bem antes, que logo após o centenário — setembro de 1950 — ter-se-iam os nomes dos vencedores. A entrega de originais era até julho do mesmo ano.

Estamos em abril de 1951 e nada.

Que terá acontecido? Para quem apelar? Que falta de organização, quase diremos de compostura!

Nem uma nota pelos jornais, nem uma explicação, nada de nada.

Afinal os concorrentes não mereciam consideração? Nem uma palavra foi dada pela secretaria de Educação, patrocinadora do concurso, nem pelo Departamento de Educação, encarregado do mesmo. Nem uma palavra quer aos jornais, quer aos concorrentes. Silêncio total: mutismo tumular. Uma pedra sobre o caso. No entanto

não é possível calar assim, ignorar o caso. Uma informação qualquer, uma desculpa, uma mentira mesmo, serviria. Além do mais é um caso de delicadeza, de cortezia para quem tanto se esfalfou em vão. Mas não, nem isto!

Dizia também o edital que os livros não premiados seriam devolvidos. Vá lá que isto não seja muito correto, já que é de praxe não se devolverem originais. Porém não devolveram nem os não premiados, nem os premiados. Enfim, não deram solução. Certamente nem chegaram a realizar o concurso, não nomearam a comissão. Quem sabe se nem mais se lembraram do concurso! Servido éle aos fins de propaganda, de publicidade gratuita a que se destinava, relegaram-no, atiraram-no para um canto, como traste inútil. Os concorrentes que se ralem!

Absurdo! Absurdo e ridículo! Especialmente vindo de quem veio.

Tornarmos: a quem apelar?

Não queremos crer. Porém será que o interesse, como no caso do Museu, não era propriamente o concurso, mas sim meramente uma outra coisa? Assim parece.

Novamente, neste segundo caso:

"Apelamos a quem de direito para que trate de ver O QUE É QUE HÁ."

Fpolis, abril, 1951

S. M.



Ilustração de Yllen Kerr para o conto "O homem de duas cabeças", de Almeida Fischer

PINTOR JOSÉ S. D'AVILA

Sentimo-nos como aquele provinciano, que tendo sido convidado para saudar um grande músico, pensou, imediatamente, em tecer-lhe um panegirico, ilustrado com a sua erudição empoeirada cheirando ao mófo das bibliotecas das provincias. Entretanto, na indecisão ante o exórdio da pretensa obra prima de retórica, surgiu-lhe, num lampejo, a realidade da sua insignificância, do desconhecimento do assunto que iria abordar, e anteendo a sua triste figura apoiada no roco-có das frases feitas, quase inibido, timidamente ponde apenas dizer: -- Eis aqui o artista!" e calou.

Creemos, que essa brilhante síntese disse mais, muito mais, do que um discurso "bem feitinho", moldado nas caducas regras de oratória, que para o gáudio e a defesa dos títulos, os oradores de diploma e fraque fazem questão de cultivar. E pensamos também, que essa devia ser a nossa apresentação, se fosse preciso apresentar José Silveira d'Avila, a Florianópolis.

Porém, os longos anos que unem, que fortalecem nossa amizade com o José, não nos permitiriam tanto. Porque se dissermos: eis aqui José Silveira d'Avila, vagamente circunspecto, conferencista, antes de tudo artista premiado, com um belo programa de viagem pela Europa, e uma minguada ajuda de custo para executá-la, os outros Josés... os "Zés" que nós conhecemos torturar-nos-iam por não os termos apresentado.

Não suportariamos isso!

Aquele "Zé", que vinha sardento, e guri e ruivo, com as melenas espanando a aragem do Sul que sobe ali pela Rua Trajano, ficaria brabo. E desengonçado, e nervoso dentro do uniforme do ginásio catarinense, bem poderia deixar, por pirraça, de dizer "bom dia" aos guris menores que o chamavam de "meu ermão".

Talvez, o José que se escudava atraz de uma folha de desenho, enquanto o Padre João pronunciava "the pupil", deixasse de desenhar os anjos, os sóis, os pés descalços, as estrelas, e tudo o que sonhara durante as aulas de matemática, de história, de religião, durante todo o dia, durante toda a infância.

E, o outro "meu ermão" que veio do Rio, bem mais depois" com o seu cachimbo, seus croquis, seus óleos, suas pontas-secas, seus desenhos e a sua mesma gargalhada dos velhos tempos, talvez, também nos fizesse cara enfarruscada e não nos permitisse ver, como estudara, como trabalhara, e como tinha aprendido. E toda aquela exposição com tentativas desde clássicas até cubistas, onde se notou que o artista procurava, estaria perdida para nós.

E assim todos os outros Josés, far-nos-iam caretas ao sairmos daqui, o José escultor, o José gravador, o José metafísico, o José literato, tantas vezes Josés como os Josés do Drumond: E sempre se perguntando:

"E agora José?"

E se todos estes Josés desaparecessem, como iríamos sentir-lhe os quadros, como iríamos interpretar "Meditação sobre a vida" aquela tela que intriga tanta gente que vai à exposição?

Quantos Josés destes estão vivos ali naquelas côres, zombando do triste, do tetrico e do distante e do suave que o José premiado pintou?

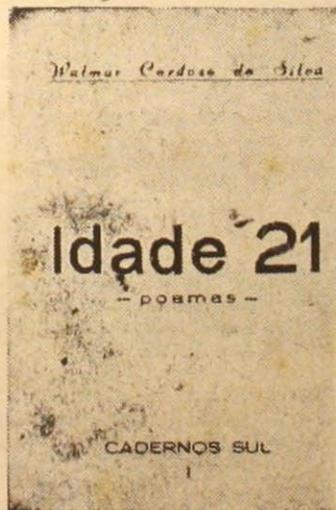
Bem, dissemos que éramos como aquele provinciano, e já falamos demais. Estamos anciosos para ouvir o José Conferencista, e, somente, para terminar vamos rogar-lhe duas "pragas, delicadamente,

a primeira é que — “todos os Josés que o compõem, sem algazarra, mas fazendo um câoro clamem pela necessidade da obra de arte como condição das próprias existências, e da coexistência deles com a sociedade, e a segunda que sempre possa dizer os versos de Neruda:

... “como una moneda
se encendia un pedaço de sol entre mis manos”.

Sílvio Eduardo

(Apresentação de José Silveira d'Avila, feita por Sílvio Eduardo, por ocasião da conferência sobre “a necessidade da obra de arte” que o artista conterrâneo realizou nos salões do Clube 12 de Agosto, a convite do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito de Santa Catarina).



TEATRO EXPERIMENTAL DO C. A. M.

Acham-se adiantados os ensaios de “É PROIBIDO SUICIDAR-SE NA PRIMAVERA”, peça de A. Casona com que os elementos do CAM reiniciarão suas atividades teatrais. Possivelmente essa peça será levada à cena em junho ou julho próximo.

A direção foi confiada a Armando Carreirão, o cenário a Hugo Mund Jr. Nos papéis principais: Jason Cesar e Nadir Barreto.

O CENTENÁRIO DE SÍLVIO ROMERO

Transcorre dia 21 de abril o centenário de Sílvio Romero. E é de causar estranheza o silêncio que se está fazendo em torno desta data. Não ouvimos falar de nenhuma comemoração a ser feita no Rio de Janeiro e em Florianópolis o silêncio é completo.

Por que tão pouco júbilo pelo centenário de nascimento de um de nossos maiores escritores?

Nos mais variados setores da atividade intelectual exerceu sua capacidade criadora — a poesia, a filosofia, a crítica, a sociologia, a política, a etnografia, o direito, a história — e em cada trecho de sua obra sentimos seu espírito progressista e pesquisador.

Era um tremendo devorador de livros, ávido por novidades bibliográficas; mas não só os livros foram a sua escola: a vida do povo, com seus problemas e sofrimentos, e com suas alegrias, foi sempre uma grande fonte em que se abeberou para dar à sua obra o sentido popular e progressista.

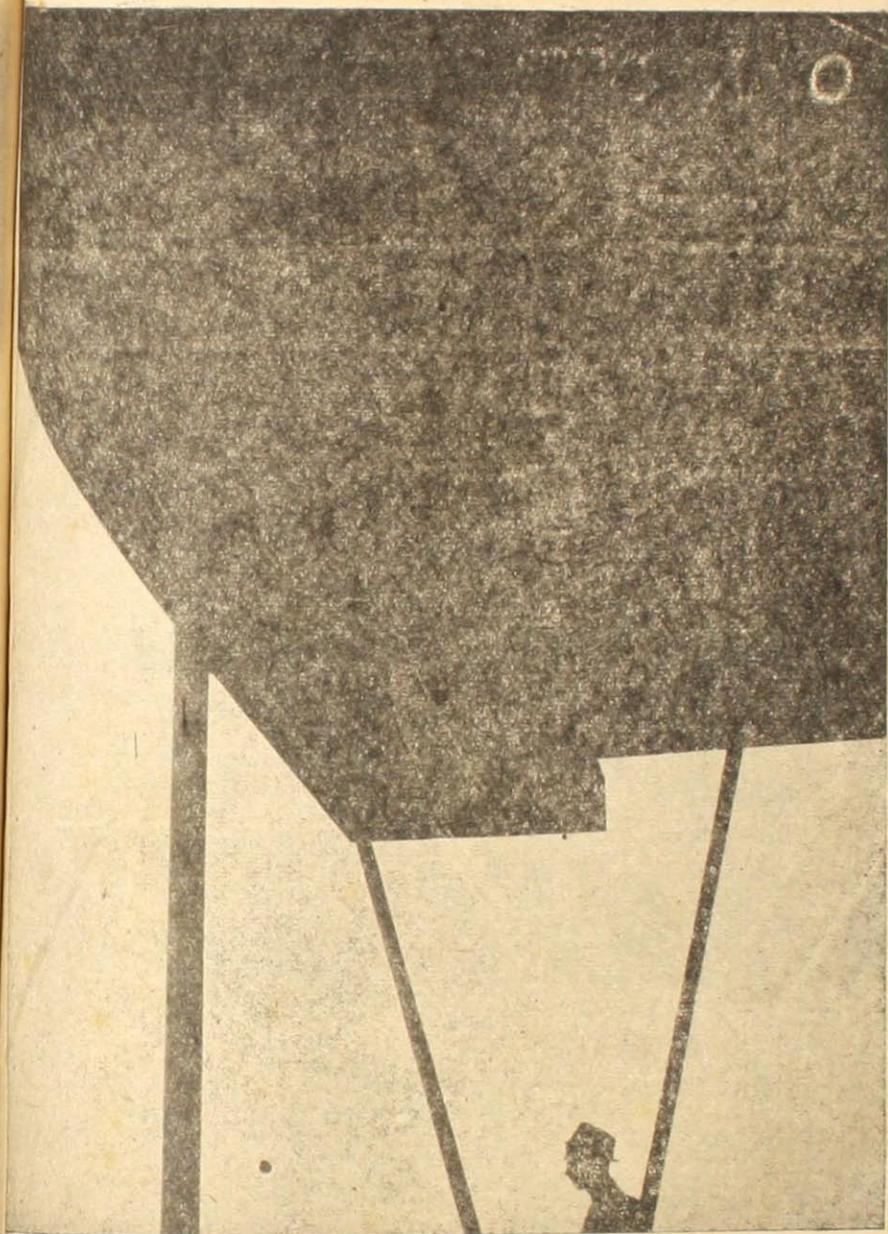
Era membro da Academia Brasileira de Letras este escritor que é o tipo do anti-acadêmico. Muitas vezes escandalizou seus colegas levando para o ambiente cristalizado da Academia o fulgor de idéias novas e conceitos que quebravam a visão comodista que os outros tinham do Brasil. Saudando Euclides da Cunha, em 1906, ele analisa por bom trecho a situação econômica e social do país, quebrando as normas dos discursos acadêmicos que em geral se limitavam (e se limitam!) a uma sequência de elogios mais ou menos repetidos e insinceros. E, no mesmo discurso chega à conclusão de que as condições gerais do povo brasileiro revelavam "a disparidade entre uma pequena elite de possuidores e proprietários e o avultadíssimo número dos que nada têm, nada possuem, principalmente nas populações rurais". Pode-se bem imaginar o escândalo que tais afirmações produziram naquele tempo, comparando com a reação que elas até hoje produzem.

Sua "História da Literatura Brasileira", embora com todos os defeitos que tem, é o que de mais sério e completo se fez nesse gênero em nossa pátria. Basta notar que todos os que escrevem sobre o mesmo assunto recorrem sempre a Sílvio Romero, como uma fonte que pode em muitos pontos ser contestada mas nunca despresada.

De Sílvio Romero fica-nos sempre a visão do intelectual ligado ao povo e seus problemas e que afastava para bem longe o diletantismo de "arte pela arte". Hoje em dia muitos de seus conceitos e conclusões estão ultrapasados, mas quando ele os emitiu chocou um meio em geral parado e retrógrado, brandindo suas convicções com coragem e entusiasmo. Foi um homem sedento de saber e ávido por compreender e analisar sua terra e sua gente.

É por tôdas essas razões que nós estranhamos o silêncio em torno de seu centenário. E deixamos aqui a nossa homenagem, pequena mas sincera, a alguém que talvez hoje fôsse ainda mais combatido e silenciado do que no seu tempo.

E. M.



PAMPULHA

Fotografia de Farkas, do Foto-cine-clubê Bandeirante

Farkas é um dos mais conceituados fotógrafos e cine-amador do Brasil. Seu "Estudos", apresentado no 1º. Festival Internacional do Cinema Amador realizado no Museu de Arte Moderna de São Paulo, logrou sinceros e merecidos aplausos de tôda a crítica.

R o m e u C o r r e a

AS CINCO VOGAIS

Peça em 1 ato

4

Inédito para
« S U L »

FIGURAS

ABEL	30 anos
ESTELA	28 anos
SOGRA	58 anos
AMIGO	25 anos
RAPARIGA	18 anos
1º. GAROTO	10 anos
2º. GAROTO	9 anos

Numa casita da Alfama. Lar humilde.

Ao cair da tarde...

O quadro representa a SOGRA debruçada na selha, lavando roupa e estendendo-a à janela.

De borco, no sobrado, dois netos folheiam uma revista.

SOGRA (suspende o ensaboado e fixa os fedelhos, intrigada):
Vocês, hoje, andam a tecê-la... Tão certo como eu ser Júlia!
Oh, se andam! Mas levam... levam uma tarefa que é um regalo!...

RAPARIGA (assoma à porta da E., numa altura em a velha se debruça na janela): A vizinha Júlia dá-me licença?

SOGRA — Que é preciso?

RAPARIGA — A sua filha já veio do mercado?

SOGRA — Ainda não, mas não deve tardar... (noutro tom) Se é algum recado, podes deixar...

RAPARIGA (senhora do seu nariz): Deixe lá! Eu volto daqui a nada. (com rancor) Estas coisas só devem ser tratadas pelos próprios!...

SOGRA (que teve um reparo): Está bem... Quando ela chegar, eu digo. Eu digo, fica descansada. (noutro tom) Mas não sei o que possa ter sucedido para queres segredar só com ela...

RAPARIGA (empertigada): Não é segredo nenhum! Já não há cão nem gato que não desse fé!... Olhe: foi a sua filha que levantou, no mercado, uma calúnia contra mim; e isso só tem servido para me emporcalhar! Ah! Mas, graças a Deus, ninguém tem nada que dizer! Lá em casa, somos muito pobrezinhos, é certo, mas muito limpinhos por dentro e por fóra!... (bate no peito) Namorei o meu rapaz três anos, e só a inveja de algumas é que o fêz zangar-se comigo, e levantar-me certa fama... Mas nunca, vizinha Júlia, nunca, ouviu vossemecê!? Por esta rua de Alfama, há gente que precisava da língua picada como os chouriços!... Ah! mas eu não me calo!... Tenho é a minha mãe doente, mas deixe ela sair da cama que vamos logo direitinhas à justiça!

SOGRA (cruzando os braços): Ralos me partam se eu percebo alguma coisa!...

ESTELA (que esteve à porta a ouvir um pedaço do sermão):
Afinal, que vem a ser esta cabrice? Quem te pôs tão inflamada, rapariga?

RAPARIGA (assusta-se, mas logo cobra ânimo, e cresce, de mãos nos quadris): De mais sabe vossemecê e está-se a fazer de novas!... Já não se lembra do que teceu, a viva voz, para quem quis ouvir!?

ESTELA — Ai! Ai! Ai! Mas tu vieste de propósito à minha casa tirar uma satisfação! Subiste cheia de gana, e vais gastar a corda, aqui, a botar sentença?! Estás enganada, rapariguinha!... (energica) Põe-te aqui para fóra! Vá! Daqui para fóra!

SOGRA (intervindo): Mas eu ainda não percebi nada...

ESTELA — Nem interessa! Isto é um fado corrido, que já não pega!... (agarra por um braço a Rapariga e tenta expulsá-la): Olha que vais pela escada abaixo!...

RAPARIGA (debate-se e tem um ataque de choro): Pois! Vossemecê disse o que lhe apeteceu e ainda por cima se mostra ofendida! Olhe: bata-me! bata-me! Já agora, só falta isso!...

ESTELA (fixa-a, de braços cruzados): Bater-te?! Mas eu preciso de bater-te, minha mastronça!?

(Entretanto, já os fedelhos se esgueiraram para a porta da D.).

SOGRA (para a filha): Mas quem lhe foi meter estas intrigas?
Ô Estela: deixa essa mulher explicar-se! Se ela diz que tu disseste...

ESTELA (para a Velha): Oh, senhora! não se meta onde não é chamada! Que feito o seu!... (à **Rapariga**) Mas tu julgas que eu nasci ontem!? Estás com essa choradeira para eu te levar a sério? Enganas-te! Enganas-te, redondamente! (bate no peito) Essa te juro (mais pausada) Fizeste o mal e a caramunha. Namoraste, conseguiste o que muito bem te apeteceu, e, como num belo dia o rapazinho levantasse vôo, vá de crivá-lo de defeitos... não houve malvez que ele não praticasse!... (noutro tom), Oh, menina, para cá vens tu de carrinho! Agora que o tunante voltou é que se lembram de sacudir para cima dos outros o que as vossas bôcas cuspiram a tôda hora!...

RAPARIGA — Vossemecê tá a mentir! Tá a mentir com quantos dentes tem na bôca!

ESTELA (descalça uma chinela e ameaça): Olha que levás!... Tu não me desmintas!...

SOGRA (aparta): Estela! Larga-a, Estela! (para a **Rapariga**) Põe-te daqui para fóra! Deixa, que quem vai falar com a tua mãe sou eu!... sou eu, ouviste?

RAPARIGA (arrogante): Foi ela que me mandou! Ela e a minha irmã!... (ameaçadora) Mas deixe ela estar melhor e vossemecê verá como leva um apêrto!...

ESTELA — Falaste na tua irmã? A tua irmã mandou-te também...?

RAPARIGA — Mandou-me, pois! Ela bem ouviu a sua língua no mercado!...

ESTELA (numa explosão): A tua irmã ouviu-me no mercado?!

RAPARIGA (com pirraça): Ouviu! ouviu! ouviu! Ainda hoje de manhã vossemecê fez uma roda à sua volta!...

ESTELA (gritando): Vais já comigo à tua irmã! Ela tem que repetir isso tudo na minha cara!... (está cheia de nervos: aperta o cós da saia, compõe os cabelos; para a Velha): Venha comigo, mãe! Venha comigo, porque isto hoje vai tudo para a Esquadra! (empurra a **Rapariga**) Vai à minha frente!

(saem alvoraçadas; os dois fedelhos, que deitaram a cabeça fóra da porta da D. miram e remiram, e entram em cena, exibindo uma meia da mãe).

1º **GAROTO** — Ai, que rica bolinha vamos fazer!

2º **GAROTO** — Vê lá a mãe!... Se ela sabe...!

1º **GAROTO** — Traz trapos... papéis!... depressa!

2º **GAROTO** — Pega cordel.

(sentados no sobrado, fazem a bola: batem continuamente com ela no chão, para a arredondar bem).

1º **GAROTO** — Vamos já para a rua! Olha que a mãe pode voltar!...

(de pé, arremessam a bola ao sobrado e executam alguns pontapés; entram pela E: **Abel** e **Amigo**):

ABEL — Entra, pá! Entra. Que diabo, essa cerimônia não é para a gente!...

AMIGO (de boné e lancheira na mão):

Com licença...

ABEL (para os filhos, que estão perplexos):

Onde está a mãe? A avó?

1º **GAROTO** (subindo os ombros):

Foram aí a uma casa...

(**Abel** perde interêsse pelos garotos, que logo se escapam para a rua).

AMIGO — São os teus filhos?

ABEL — Sim, tenho estes dois... O mais velho veio de livre vontade... Ora o outro foi para fazer a vontade à companheira e à sogra... Queriam uma menina: "deixa fazer o casalinho... é tão lindo um casalinho!..." Morriam se não tentássemos a sorte!...

AMIGO — Afinal, veio outro rapaz! (noutro tom). Foi assim que a minha irmã arranoju quatro raparigas. Essa, foi ao contrário...

ABEL — Cada vez estou mais convencido de que isto só vai com um punho forte. Manda quem deve, e o resto são histórias!...

AMIGO — As mulheres estão muito atrasadas. (noutro tom) E às vezes não as julgamos tanto, porque não parecem — um palminho de cara, uma elegância... — mas, quando abrem a boca, são de um homem fugir!... Asneiras sôbre asneiras! que pensamentos!

ABEL (indo para o armário de livros):

Tudo isto dá trabalho. E nem todos estão para relações. A maioria casa, vai naquela simpatia, e nunca lhe passa pela cabeça limar as arestas... (alentado) Mas é preciso uma pessoa ter pulso, não desanimar. Dá muito trabalho, é certo, muito trabalhinho... E os sabores? ... e as respostas que um homem, às vezes, ouve?...

AMIGO (que foi abrindo a lancheira, tira dois livros):

Eu, às vezes, receio casar-me... Palavra. Quando matuto na vida que levo, a sobrecarregar a velhota... hesito, hesito meter-me em andanças... Se um tipo pudesse arranjar uma rapariga com miolo... uma mulher de compreensão, mas qual quê! Algumas, a começar pela minha irmã, são mesmo de um homem perder a cabeça... Se o meu cunhado diz uma coisa, ela começa a dizer que sim, mas, mal êle volta costas, bumba!, faz precisamente o contrário!... Ah! rapazes, sinto ganas... (suspende a ameaça).

ABEL — É pior... Bater é pior. Mesmo não se deve bater...

AMIGO — Eu sei... mas um homem não é de pau. Irritam uma pessoa. E só estão bem quando nos vêem a partir a loiça...

ABEL — É preciso cuidado. Um homem força a coisa até um certo ponto... vai forçando... e, quando os nervos começam a ranger... corta! Suspende-se o sermão, veste-se o casaco, boné na cabeça e, ala!, escada abaixo... É o melhor. Depois, dá-se uma volta na rua, fala-se com os amigos — e a coisa arrefece... (noutro tom) Bater? Ná! Todo o tipo que perde a cabeça está liquidado... Elas perdem-lhe o respeito e êle não faz mais nada. (retira um livro da prateleira, e sorri).

AMIGO (intrigado).

De que te ris?

ABEL — Tou aqui a pensar numa coisa... Hoje, na oficina, estive todo o dia a magiciar numa coisa... Queres saber?...

AMIGO — Diz lá isso!

ABEL ... Vir para casa cheio de calma, preparar a companheira com umas palavras amigas e sentá-la ali... (indica a mesa).

AMIGO ... À mesa?

ABEL — Sim. (noutro tom) Nem de propósito: encontrei-te e cámos a falar sôbre mulheres... (com súbita intimidade) Ah! mas a coisa não passa de hoje. Marquei hoje, e há-de ser hoje! Se falhar, voltarei amanhã... tornarei depois de amanhã (noutro tom). Conheces o Albano? É um tipo bestial... Ensinou a dêle a ler em dois meses!

AMIGO — A tua já soletra?

ABEL — Nada! Analfabeta!...

AMIGO — Tem piada. E é hoje que comesças?

ABEL — Hoje! E vivemos há dez anos!... Tenho andado a adiar de dia para dia, mas, garanto-te, nem mais um deixo passar!... (Estoira, na rua, um borbórinho: mulheres barafustam, estalam vidros, há gritos de **ó da guarda!**)

AMIGO (indo à janella):

Eh, pá, que será isto? (espreita). Daqui não se vê... mas devem ser mulheres!...

ABEL (fleumático):

Sempre o mesmo atraso. Nêste bairro, dia em que não haja bulha, não é dia. (noutro tom) Deixa lá isso! Só me ralo quando se trata do pessoal cá de casa... Mas isto, há uns tempos a esta parte, fia mais fino. (junto às prateleiras dos livros) Bem, que livros que res levar? Escolhe. Já leste isto? (Estende-lhe um volume.

AMIGO (folheia).

Não. Que tal é?

ABEL — Se não conheces, leva... Leva que é bom...

AMIGO (resolve-se):

Está bem. Pega: são os outros que me emprestaste... E já agora levo ainda mais um...

ABEL — Escolhe. (indo à janela, pasma, porque vê os seus na guerreira): Que é aquilo?! Ó rapariga, que cenas são essas!? Anda para cima? Não ouves!? E vossemecê...? Venha para cima! Não ouve!?

AMIGO (que já escolheu o que queria):

Afinal, a bulha era com o teu pessoal?

ABEL (não lhe deu resposta, e foi à porta):

Já para casa! Já! Que pouca vergonha...

(**Estela e Sogra** entram desgrenhadas, nervosas, esbaforidas) vem a ser esta!? Quantas vezes avisei eu que não te quero às turras com a vizinhança!? Ai! ai! ai!...

ESTELA (com um ataque de nervos pretende investir de novo):

Deixa-me, Abel! deixa-me, que aquelas velhacas...!

SOGRA (agarra a filha, impede a sua saída):

Estela, tu daqui não saís!...

ABEL (cruza os braços, aparentando serenidade):

Ó senhora, se ela quer sair, fuja da frente!... (subitamente, desfaz a posição de calma, e berra autoritário, apontando a rua): Mas dou-te a minha palavra que saís de vez! Saís e não voltas, ouvistes!? Como vocês são reles...

ESTELA (indo para ele, soluçando):

Ai, Abel, tu nem calculas o que ela disse de mim!... Insultou-me! Que eu andei no mercado a difamar a irmã e o namorado!...

ABEL — Cala-te! Não te quero ouvir! Não voltes mais às regatices! Se te apanho outra vez...

AMIGO (fazendo menção de retirar-se, bate-lhe num ombro):

Bem, Abel, eu vou indo... Desculpa...

ABEL — Nada, pá. Tu é que deves desculpar estas cenas.

AMIGO — Entre nós, não há empeno... Até amanhã... Depois, falamos, sim?

ABEL — Sim, amanhã falamos...

AMIGO (a sair):

Calma, muita calma...

ABEL — Até amanhã. (Amigo sai)

(Uma longa pausa: **Abel** enrola um cigarro; a **Sogra**, depois de várias caras e nesitações, volta a lavar e a estender a roupa; sentada num banco, **Estela** chora, com a ponta do avental subida aos olhos).

ESTELA (lamenta-se):

Uma pessoa está sossegada na sua casa, vêm cá com desafios... e ainda querem que a gente vire costas...

SOGRA (de passagem para a janela, dá uma cotovelada na filha):

Calate!

ESTELA — Há dias em que uma mulher devia morrer... Que agoiro! Começou de manhã... E se ficar por aqui...! (e, como a Sogra lhe fizesse novo sinal, ela abespinha-se): Oh, senhora, deixe-me! Então, eu não posso falar na minha casa!? Vossemecê tira as coisas dessa que até nem sei o que parecem! Eu não andei a calhandrar pelas esquinas!... Estou aqui mortinha de trabalhar! Eram seis da manhã, já estava a arrematar hortaliça!... Estou aqui com uma gôta de café e uma posta de peixe!... (levanta-se, bate no peito) Fartinha de trabalhar! Pois então!

ABEL (fleumático):

Mas êsse sermão todo é para eu saber onde estiveste? Hã!?

ESTELA — Farta-se uma pessoa de fazer bem e só apanha coices!

ABEL (aproxima-se dela, paciente):

Não seas parva! A culpada és tu...

ESTELA — Eu!?

ABEL — Sim! Elas querem é alguém que lhes dê guita — e a ti está sempre a pular-te o pé para o barulhinho. (intencional): Não admira; tens a quem sair... (noutro tom): De futuro, tu não ligas... Elas berram, barafustam, e tu — moita!

ESTELA (com a sua razão):

Mas vieram cá... Veio cá a irmã, tôda senhora do seu nariz... E teimava e jurava que a irmã me ouviu dizer no mercado que ela estava enganada pelo rapaz e que o rapaz era feio como um bode! Ó mãe, não foi verdade?

ABEL — Mas, se isso é tudo falso, mais uma razão para não saires do teu lugar. Punhas a rapariga na rua e mandava-la ter comigo, percebeste? (noutro tom) Mas, naturalmente, tu fizeste côro... temperaste a panelinha...

ESTELA — Juro-te por tudo!

ABEL — Ó filha, eu sei como essas coisas são... (muda de assunto): Bem, mas isso não nos diz respeito. Temos outras coisas de maior interesse. Os dias passam, perde-se tempo, e para aqui andamos nestas andanças... Nunca mais caminhamos a direito. Uma vez ou outra, pareces tomar tino, mas, a seguir, bumba!, asneira da grossa! Não tens maneiras... Por qualquer coisa, ficas logo tôda afa-distada... Não! não! tu assim não vais bem. (noutro tom): Há mulheres cheias de vontade... mulheres a quem hoje se ensina uma coisa e logo tomam outro tino. Tu, não.

ESTELA (cruzando os braços):

Mas que queres tu que eu faça? Eu tenho a minha vida! Venho do mercado, tenho a lida da casa... Estou mais moída que salada. (noutro tom): Tu também dizes as coisas e faltas... Andas sempre a apregoar que hás-de ensinar-me a ler...

ABEL — Ah! mas é que é hoje mesmo!

ESTELA (surpreendida):

Hoje?!?

ABEL — Pois! Querem ver que não te calha...

ESTELA (olhando a selha, a roupa pelo chão):

Hoje... Tenho tanta lida!...

ABEL — Vês? é so falar-te na lição, ficas logo cheinha de afa-

zeres! Não, minha querida: de hoje não passa! Arranja-te como puderes! Hoje, começamos a lição, ouviste? Diz à tua mãe que te deite mão ao jantar, que continue com a roupa...

ESTELA (perplexa):

Hoje, calha tão mal...

ABEL (retira um livrinho da prateleira e instala-se na mesa):

Não quero saber! Arranja-te como puderes!

SOGRA (pergunta à filha):

Que é que êle quer?

ESTELA (hesita, coça-se):

Mãe, em que altura vai o jantar?

SOGRA — Falta deitar a massa...

ESTELA — Deixe isso, senhora, e venha cá dentro. (saem ambas).

ABEL (folheia o livrinho por momentos; grande pausa; começa a impacientar-se; deita olhadelas para a porta da E.):

Que atraso! Que desprezo por isto!... (pausa) Parece que foi buscar a morte... (grita, um pouco irritado): Estela! Ó mulher, quando resolves aparecer!?! (pausa) Queres que te vá buscar por um braco!?! (levanta-se e, ao atravessar a cena, esbarra com a mulher).

ESTELA — Que pressa é essa!?

ABEL — Não te disse que viesses logo?

ESTELA — Ai, isto hoje não me calha nada...

ABEL — Esquece os afazeres, mulher. (junto da mesa) Vamos estar aqui só meia hora... Prometes estar com a máxima atenção? Olha que isto não custa nada... Tu, de resto, já conheces algumas letras... (com entusiasmo) Uma mulher analfabeta é uma desgraça! Uma autêntica vergonha, nos tempos que correm! É preciso que nos compenetrems de que isso não tem razão de ser! É um crasso obscurantismo! (ela senta-se, num mutismo obediente; êle folheia o livro, hesitante) Bem, como já conheces algumas letras, comecemos aqui pelas vogais... (aponta sobre a página) cá estão elas... São cinco: A... E... Vá, diz... Como se chama esta? É a que tem um pontinho em cima...

ESTELA — I...

ABEL — E esta?

ESTELA — Ó...

ABEL — E aqui?

(ela morde o lábio; não sabe; êle tapa meia página com a palma da mão):

Olha cá para cima! Não te interessam as que estão aqui!... Que letra é esta, Estela? Lembra-te de que é das últimas do alfabeto...

ESTELA (medita e, depois, com entusiasmo):

Z!

ABEL (irritado):

Estúpida! Como te falei nas últimas... Que tem que ver o Z com as vogais!?

ESTELA (encolhe os ombros, desinteressada):

Não sei!

ABEL — Pois, se soubesses, não estavas aqui! Nem ao menos conheces as vogais de cór!... Qualquer criança, que nunca entrou numa escola... Nunca ouviste dizer: A... E... I...

(Na rua, uma voz feminina chama pelo nome da mulher de Abel: Estela! Ó Estela!)

ESTELA — Espera! Estão à chamar por mim!... (ergue-se e corre à janela) Que é?

VOZ DE MULHER — Disseram-me, agora, que a Ricardina e a irmã foram fazer queixa à Esquadra! Esteve a mostrar ao cabo um braço ferido... tem sangue...

ESTELA — Ah! Eu não a feri?

VOZ DE MULHER — Ela queixou-se de uma dentada...

ESTELA — Aquilo, só com um arrôcho (chama a mãe) Ó mãe! Mãe, venha cá depressa!...

SOGRA — Que há?

ESTELA (para a mãe):

Quer ouvir? Olhe que as duas foram apresentar queixa à Esquadra... Foram para lá dizer que eu lhes ferrei uma dentada, calcule!

SOGRA (tôda debruçada na janela):

Como soubeste? Estão a arrebanhar testemunhas?

VOZ DE MULHER — Estão, mas não devem ter sorte nenhuma! Eu e a minha mãe vimos tudo; vocês contem com a gente, ouviram?

(Abel volta-se para elas, traça a perna e aguarda, paciente).

ESTELA (dá com os olhos no marido e cala-se; faz sinais à vizinha para que se retire e puxa pelo braço da mãe):

Vossemecê vá lá para dentro e deite-me um olho à panela... Isto, hoje, regaram-me praga!... (caminha para a mesa, senta-se ãe novo e fica muito séria a olhar para êle): Vamos? (mas, como êle não diz nada, é ela quem reata a lição): Ora: tu perguntaste o nome da última letra, não foi? São cinco: A... E... I... O... U...

(SOGRA, arrimada à quina da porta da E., abana a cabeça e sai).

ABEL — Como se chama esta?

ESTELA — Tira as mãos... Eu, assim, não vejo!

ABEL — Vês muito bem! Não precisas de ver as outras! Diz-me o nome desta?

ESTELA — Quantas estão à frente?

ABEL (triunfante).

Ah! Pois claro: tu só sabes de cór! Letra por letra, não dizes!

ESTELA — Olha a grande coisa! Começamos só há bocadinho... Mas tira as mãos, Abel.

ABEL (teimoso):

Que letra é esta, Estela?

(Estoira um reboliço, na cozinha, entre a avó e os netos).

VOZ DA SOGRA — Larguem! Eu vou chamar a vossa mãe!

VOZES DOS GAROTOS — Dê a bola! — Eu quero a bola! — Não tire isso!

ESTELA (ergue-se, assustada):

Que barulho é êsse?! (grita) Ó mãe, que foi? Bata-lhes! Bata-lhes!

ABEL (sai também da mesa):

Deixa-te estar! Cala-te, mulher! (encaminha-se para a cozinha): Que vem a ser isso aí!?

ESTELA (segura-o por um braço):

Abel, que vais fazer? (noutro tom) A nossa vida complica-se de um momento para outro... Mesmo que a gente queira ir para um lado... Não batas nos teus filhos! São crianças: não sabem o que fazem!...

ABEL (estaca):

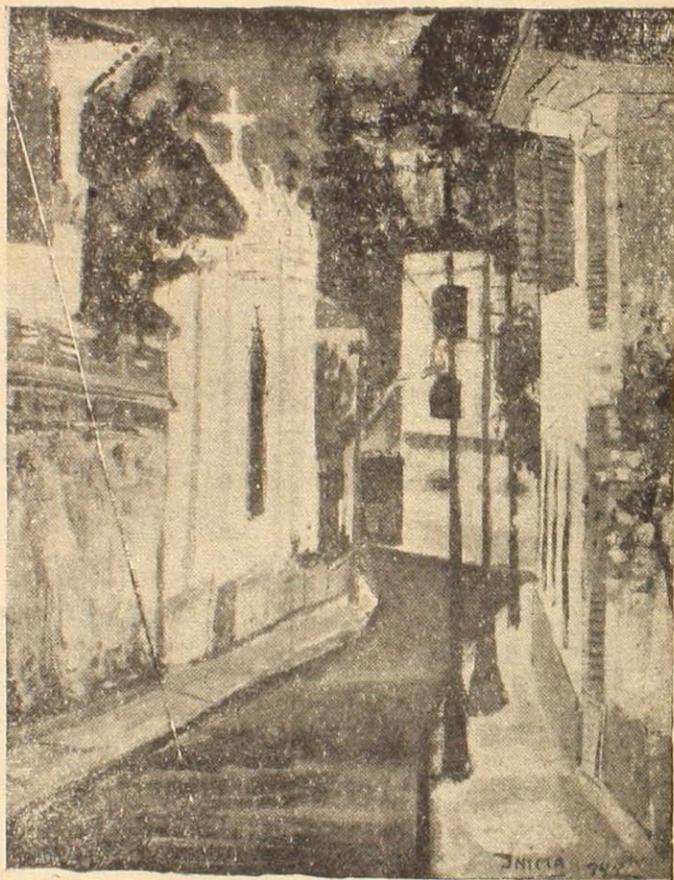
Cá em casa, as minhas mãos já tocaram em alguém? Vá, responde?

ESTELA — Lá isso...

ABEL — Para que estás então com lamúrias?
ESTELA — Nada... Vejo-te tão fóra de ti...
ABEL — Porque tudo isto me entristece... Rouba-me a vontade!
A vontade e a certeza de fazer de vocês alguém! (comovido) Se sou-
besses o que isto representa para mim...
ESTELA (aproxima-se dêle):
Mas estás a chorar?! E é por minha causa? É por eu ser estú-
pida, Abel?
ABEL (de costas, olhando a rua):
Não. (sacode os ombros) É por tudo isto que me rodeia... Tu
não podes compreender!...
SOGRA (surge, com uma meia tóda esburacada):
Estela, como os teus filhos estão maus!... Roubaram-te uma
meia e fizeram uma bola! (pasma de ver os dois a chorar) Aconte-
ceu algum desastre?! (pausa; e acaba por escarnecer) Tolices! Toli-
ces, é o que se vê cá por casa!... Em lugar de castigar os filhos,
estão êstes dois maduros... Se isto se via nos meus tempos!
ABEL (cresce para a Sogra; mas domina-se):
Que tristeza... (põe o boné na cabeça, afivela as calças): Fuja
da frente, senhora! (sai logo).
ESTELA (corre à janela):
Abel! Abel! Não jantas? (volta-se para a mãe, irritadíssima): O
que vossemecê veio fazer? o que vossemecê arranjou! Tinha algu-
ma coisa que meter-se na nossa vida!?
SOGRA — Mas que fiz eu?
ESTELA — Fez tudo! (noutro tom): Vossemecê não pode com-
preender... (chora).
SOGRA — (depois de flutuar por momentos):
Aquilo passa-lhe... verás! Já o teu pai, com a pinga, era a mesma
coisa... Que mania essa de te ensinar a ler...

— P A N O —

Almada — Portugal



ÓLEO — INIMA — Rio, 1949

Recebemos e Agradecemos

LIVROS:

— Machado, Poe e Dostoiowski
Constantino Paleólogo — Edição da
Revista Branca — Rio de Janeiro
— 1950.

— **Novas Aventuras de Pedro
Malasartes** — Hernani Donato —
Edição Melhoramentos.

— **Música — Religião dos Portu-
gueses** (o folclore na música erudi-
ta portuguesa) conferência de Gas-
tão Bittencourt — Edição do Liceu
Literário Português — julho de
1950.

— **Projeção** — 1 Cadernos de ci-
nema — Modernas tendências do
cinema europeu — Edição do Club
Português de Cinematografia —
Cine — Clube do Porto 1949.

— **Projeção** — 2 Cadernos de Ci-
nema — Charles Chaplin — Edição
do Clube de Cinematografia — Cine
Club do Porto — Portugal — 1949.

— **Aire de Palomas** — Poemas de
Nelida Aurora Oviedo — Rosário
— Santa Fé. — Argentina — 1950.

— **Poemas** — Lólio L. de Olivei-
ra — Sao Paulo — 1950.

— **Inquietação** — Poemas — Vas-
co de Araujo Ogando — Lisboa —
outubro, 1950.

— **Luz Distante** — poemas —
Tostes Malta — Edição fora do co-
mércio — Rio.

— **Ladislau Netto** — (1838-1894)
Abelardo Duarte — Imprensa Ofi-
cial de Maceió — Alagoas — 1950.

— **O homem de duas cabeças** —
Contos — Almeida Fischer — Edi-
ções Oasis — Rio — 1950.

— **Sombra do Tempo** — Confe-
rências e temas literários — Luiz
Forjaz Frigueiros — Livraria Ber-
trand — Lisboa — 1950.

— **Rostros de La Danza** de Blanca
Terra Viera, artigos sobre a arte
da dança, 4 ilustrações de Alfredo
Cañas, Buenos Aires s/d.

— **SÃO PAULO, RAIZES OITOCEN-
TISTAS DA METRÓPOLE;** —
Richard M. Morse, São Paulo, 1950.

Neste pequeno opúsculo, trata o

autor do desenvolvimento socioló-
gico e artístico de São Paulo e, de
um modo objetivo e em linhas ge-
rais, documentando sempre os pon-
tos abordados com boa parte da
bibliografia existente sobre o as-
sunto, a leitura destas trinta e pou-
cas páginas, dá-nos uma visão ge-
ral do que foi o São Paulo de Mil
e Oitocentos.

— **DAS CARACTERÍSTICAS PRE-
ROMÂNTICAS DO LATIM** — Sil-
vio de Macedo — Casa Ramalho
Editora — Maceió — Alagoas.

REVISTAS:

— **THE HUDSON REVIEW** —
Volume 3º, nº. 3, outono 1950 e vo-
lume III, nº. 4, inverno de 1950. No
primeiro nº. destacamos os artigos
The Poetry of Dylan Thomaz, de
David Aivaz, English Nerse Drama,
The Cochtail Perty de William
Arrowsmith e o artigo de Richard
M. Morse, sobre o modernismo bra-
sileiro; no 2º, destacamos, A dialo-
gue with W. H. Anden de Howard
Griffin e a novela de George P.
Elliott, Children of Ruth, além das
habituais secções de critica em
geral.

— **Tentativa** — Nº. 10 e 11 out. e
dez. de 1950. — Antibaia, S. Paulo.

— **Trópico** — Revista de cultura
e turismo — Ano I nº 5 e 6 de
Agosto e Setembro de 1950 — São
Paulo.

— **Universidad de Antioquia** —
maio e julho de 1950 — nº 99 —
Medellin — Colombia.

— **Arte e Literatura** — Suplemen-
to da Tribuna de Petrópolis — Ano
II — setembro de 1950 — Ano III
nº. 18.

— **Nova Iugoslavia** — boletim do
Serviço Iugoslavo de Informações
— R. D. Mariana, 48 — Rio de Ja-
neiro — Agosto de 1950.

— **Continente**: mensário ilustra-
do de estudos americanos — agôs-
to, 1950 — ano II — Rio de Janeiro.

— **Meridiano**: caderno de letras

- direção de Hindemburgo Dobal, O. G. Rego de Carvalho e M. Paulo Nunes nº 3 — Setembro de 1950 — rua Lisandro Nogueira, 1223 — Teresina — Piauí — Número dedicado a Da Costa e Silva.
- **Correio das Artes** — n.ºs. 94, 52, 53, 54, 55 e 57 — ano II, 1950 — João Pessoa — Paraíba.
- **Investigações** — Revista do Departamento de Investigações — n.º. 24 — Ano II — Dezembro de 1950 — São Paulo.
- **Metrópole:** Revista ilustrada, — Ano 14, n.º. 48 — verão de 1950 — Rio de Janeiro.
- **Mosaico** — Publicação de Arte — Ano I — n.º. 1 — Fev. 1951 — Direção de Maria Laura Radspieler — Redação R. Araujo, Porto Alegre. Escola Nacional de Belas Artes — Boletim Música Y Artes Visuales — Janeiro de 1951.
- **Rumos** — Ano I n.º. 2, Jan. e Fev. 1951 — Lajes.
- **Tentativa** — n.º. 12, Ano 3 Fev. 1951 — Antibaia. São Paulo.
- **O Avicultor** — Bimestrário da Sociedade Catarinense de Avicultura, Ano II, n.º. 6 de outubro de 1950, ano n.º. 7 dez 1950.
- **Palmeiras** — Ano XIII n.º 97, Campinas — E. São Paulo — Dezembro de 1950.
- **Praieiro** — Coleção de outubro, novembro e dezembro.
- **Boletim do Serviço** de informação Iugoslavo, n.ºs. 8 e 9 — dezembro de 1950.
- **Boletim Foto-cine** — Foto-cine Clube Bandeirante Ano V n.º. 55 Nov. de 1950.
- **Sub-Comissão Catarinense de Folclore** — Boletim Trimestral — Florianópolis — Ano II — Dezembro de 1950, n.º 6.
- **Bando** — Ano II n.º. 17 e 18 — outubro e dezembro de 1950 — Natal — Rio Grande do Norte.
- **Boletim da OIR** (Organização Internacional de Refugiados) n.º. 13 — dezembro de 1950 — Rio de Janeiro.
- **Rubicon** — Semanário recreativo noticioso. Ano XVI n.º. 355 — Dez. 1950 — Barbacena — Minas Gerais.
- **Atualidades** — Ano VI 2a. fase n.º. 3 — Dezembro de 1950 — Florianópolis.
- **Átomo** — ns. 22, 23, 24 — 30, 31, 32, 33, 34, 35.
- **Átomo** — Ano II (Ciência e técnica para todos) n.º. 36 — Jornal ilustrado de publicação mensal e de divulgação — Lisboa — Portugal.
- **Revista Guaira** ano II n.º 21 Janeiro 51 Curitiba — Paraná.
- **Programas do Clube de Cinematografia Português** — Cine — Clube do Porto — 72, 73, 74, 75, — 76, 78, 77, 79.
- **Jornal dos novos:** Ano I n.º 3 Dezembro de 1950 — Caruarú — Pernambuco.
- **Voz Viva** — Poesia-arte — Ano II n.º. 6 — outubro — novembro — Buenos Aires — Argentina.
- **Revista Branca** — n.º. 13 e n.º. 14 Set-Out. e Nov. — Dez. Ano III 1950 — Rio.
- **BOLETIM** — Música e artes visuais, n.º. 9, novembro de 1950 e n.º. 10 dezembro, 1950 — Publicação da União Pan-americana da Biblioteca de Washington.



Solicitamos aos Senhores assinantes, cujas assinaturas terminaram e que desejam renová-las, o façam dirigindo-se à Direção da Revista. A assinatura, para quatro números (anual), sôbre registro é de Cr\$ 22,00.

ASSINE E DIVULGUE "SUL"

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. Vidal Ramos, 73

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

.....
LUIZ EDUARDO SANTOS

A R Q U I T E T O

Projetos — Construções — Loteamentos — Decorações

RUA VISCONDE OURO PRETO 81 — FLORIANÓPOLIS

.....
DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS
DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório : Rua João Pinto 16, sob.

Residência : Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

.....
CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência : Consultório :
R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16
Fone M. 732 Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

SUMÁRIO

Poema no avião	Walmor Cardoso da Silva
Teixeira de Pascoais	P. da S.
Três Poesias	
A Divindade	Teixeira de Pascoais
Virgílio Varzea	Anibal Nunes Pires
Minhas férias e dois livros	Antônio da Silva Filho
Um lapso de João Gaspar Simões	Élio Ballsteadt
Função social do Arquiteto	Carlos Henrique Bahiana
Meus cantos noturnos	Antônio Paladino
A sorte	Donozor Lino
Soneto da desesperança	Rogério Chatagnier
Edad 21	Bianca Terra Viera
Eternidade	José Tito Silva
Idéia	J. M. Gomes de Matos
Mãe	Guido Wilmar Sassi
Primavera	Archibaldo Cabral Neves
Marcolino da Lua	P. Martins
Amor, Lascínia e... ..	Sallm Miguel
Composição para Judas e côro de Dez	
Anjos	Ody Fraga
Caminhos	Lulz Amaro
Revolução	Eglê Malheiros
Existência findas	Máximus Bernardus
Ballet	Nélida Aurora Oviedo
Escritoras de Portugal	Eglê Malheiros
A pintura moderna e o homem normal ..	Manceol Pinto
Dois Casos... ..	S. M.
Pintor José S. d'Ávila	Sílvio Eduardo
Centenário de Sílvio Romero	E. M.
As Cinco Vogals	Romeu Corrêa

PREÇO: Cr\$ 5,00